

Secretaria Municipal de Educação de Cambé



Relembrando as antigas escolas rurais:  
a história da educação no Município de Cambé

# **Prefeitura Municipal de Cambé**

ESTADO DO PARANÁ

---

Secretaria Municipal de Educação

## **RELEMBRANDO AS ANTIGAS ESCOLAS RURAIS: A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO DE CAMBÉ**

**ORGANIZADORA**

**ANGÉLICA PIRES NANTES DE OLIVEIRA ZERBETTO**

**Assessoria Pedagógica das Disciplinas de  
História e Geografia**

Cambé, 2020

**Cambé (PR). Secretaria Municipal de Educação. Rede Municipal de Ensino**

**Prefeito Municipal:** José do Carmo Garcia

**Secretária Municipal de Educação:** Claudia Santos Codato Segura

**Assessora Pedagógica de História e Geografia:** Angélica Pires Nantes de Oliveira Zerbetto

**Ilustrações e fotografias:** Arquivo particular SEMED Cambé

**CAPA:**

**Ilustração:** Joice Rocha

**Arte da Capa:** Camila Maranhã Scafuro

Ficha catalográfica

Dados internacionais de catalogação na publicação

R382

Relembrando as antigas escolas rurais : a história da educação no município de Cambé / Organização de Angélica Pires Nantes de Oliveira Zerbetto; ilustração Joice Rocha; arte da capa Camila Maranhã Scafuro. – Cambé (Pr) : SEMED, 2020.  
97 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-89403-01-5 – livro digital.

1. Cambé (Pr) – História - Educação. 2. Cambé (Pr) – Escolas rurais - História. 3. Cambé (Pr) - Secretaria Municipal de Educação. I. Zerbetto, Angélica Pires Nantes de Oliveira (Org.). II. Rocha, Joice. III. Scafuro, Camila Maranhã. IV. Título

CDD 370.98162  
19.ed.

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

## SUMÁRIO

|                                                                                                                              |    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| APRESENTAÇÃO.....                                                                                                            | 4  |
| COM A PALAVRA, OS PREFEITOS!.....                                                                                            | 6  |
| Anexação do distrito da prata e sua relação com as escolas rurais: .....                                                     | 7  |
| Entrevista com os prefeitos .....                                                                                            | 8  |
| Em busca de um resgate às origens da educação municipal .....                                                                | 17 |
| ENTREVISTA COM OS SECRETÁRIOS DE EDUCAÇÃO.....                                                                               | 18 |
| Um divisor de águas na história da educação no campo: a geada de 1975 e o processo de nuclearização das escolas rurais:..... | 22 |
| Histórias de gerações que lecionaram no campo .....                                                                          | 27 |
| AS ESCOLAS RURAIS DO MUNICÍPIO DE CAMBÉ.....                                                                                 | 29 |
| AS ESCOLAS RURAIS ATRAVÉS DOS RELATOS DOS SEUS PROFESSORES.....                                                              | 47 |
| Décadas de 50 e 60.....                                                                                                      | 47 |
| Fotos produzidas nas escolas rurais nas décadas de 50 e 60:.....                                                             | 53 |
| Professores dos anos 70.....                                                                                                 | 62 |
| Imagens da década de 70:.....                                                                                                | 65 |
| Anos 80 e 90.....                                                                                                            | 70 |
| DEPOIMENTO DOS ALUNOS QUE FREQUENTARAM A ESCOLA RURAL.....                                                                   | 81 |
| ALGUNS REGISTROS DOS NOSSOS ENCONTROS .....                                                                                  | 84 |
| 1º encontro com os professores das escolas rurais: 2018 .....                                                                | 84 |
| HISTÓRIAS DE LUTA E CORAGEM!.....                                                                                            | 94 |
| O PROJETO NA MÍDIA! .....                                                                                                    | 95 |
| REFERÊNCIAS .....                                                                                                            | 96 |

## APRESENTAÇÃO



Tudo começou tão simples... fazer um levantamento das escolas que já existiram em Cambé, para escrever um breve histórico e poder complementar as informações que faltavam sobre as escolas do Município.

Deixei a tarefa com a Angélica, afinal ela era a responsável pela disciplina de História na Secretaria da Educação. Lancei a semente em uma terra fértil, pois os olhos dela brilharam quando comecei a contar um pouquinho do que eu sabia. Depois, a cada pesquisa que ela fazia, novas ideias iam surgindo... “Vamos conversar com outros secretários? Vamos conversar com os professores que trabalharam nestas escolas extintas? Será que têm registros no Museu? Será que têm fotos? E os prefeitos? Vamos ter que falar com eles também” ... foi lindo observar tanta empolgação e dedicação!

Marcamos o primeiro encontro com os Secretários de Educação. Foi um singelo bate-papo, onde cada um ia contando um pouquinho do que se lembrava. E pelo olhar, dava para perceber as ideias saltitando no cérebro da Angélica.

O segundo momento foi um encontro com professores que trabalharam nas escolas desativadas – algumas das primeiras escolas do Município. Neste encontro, poucos professores participaram, mas foi o suficiente para empolgar os que se fizeram presentes e despertar naqueles que faltaram, o desejo de reencontrar velhos amigos e boas lembranças. Ouvimos histórias, olhamos fotos, confraternizamos. E quando terminou, veio o golpe de mestre... “Vamos fazer um documentário? Será que conseguimos ajuda da imprensa?”

Nosso projeto chegou ao conhecimento do repórter Vitor, da Folha de Londrina, que nos propôs uma entrevista sobre as escolas rurais. Fomos à Escola Rural Dom Pedro II, onde tivemos uma empolgante conversa com a professora Toki Sugayama, uma representante dos professores dos anos de 1950 a 1990, o que nos motivou a gravar novas entrevistas. E lá fui eu... afinal eu também estava empolgada. Conversamos com jornalistas e com professores da UEL. Conseguimos alguns estagiários e agendamos um novo encontro com professores, para registrar todos os relatos.

Paralela a esta organização, foram agendadas entrevistas com os ex-prefeitos. Ouvimos nosso tetra prefeito José do Carmo e os ex-prefeitos Waldemar Garcia, Luiz Carlos

Haully, Gilberto Martin e João Pavinato. Tivemos um momento muito especial de conversa com o ex-prefeito Luis Forastieri, pois sua esposa Cleusa, além de o ajudar a resgatar a memória de seus momentos à frente da administração municipal, também nos brindou com suas lembranças como Secretária da Educação e funcionária de muitos anos ao lado de outros secretários.

O segundo encontro com os professores foi um sucesso e, tenho certeza, deixou em todos o gostinho de quero mais. Foram lindas histórias, lembranças marcantes e fotos. Muitas fotos... contamos com a ajuda dos estagiários e de toda a equipe da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) para anotar tantas histórias, para catalogar e copiar fotos.

Tivemos o prazer de manusear um lindo diário de classe da década de 1950, pertencente à professora Dila Esther de Oliveira, um exemplo de dedicação ao magistério que, infelizmente, neste ano de 2020 nos deixou. Por sorte conseguimos uma entrevista, onde ela deixou os registros de sua brilhante passagem como professora das escolas de Cambé.

Nosso documentário não ficou pronto, mas os registros não poderiam ficar restritos a nós. Deixamos aqui um pouco da história da Educação de Cambé: O princípio. Esperamos que a leitura deste material possa despertar em todos, a vontade de registrar sua própria história e, naqueles que viveram estes momentos, a vontade de nos enviar sua contribuição e enriquecer um pouco mais a história que deixaremos para as próximas gerações.

Claudia Santos Codato Segura  
Secretária Municipal de Educação

## COM A PALAVRA, OS PREFEITOS!

Para compreendermos como se estruturou o processo de criação, desenvolvimento e cessação da maioria das escolas do campo em nosso Município, apresentamos primeiramente os depoimentos de alguns dos prefeitos que administraram Cambé ao longo de seus 73 anos de emancipação política. Iniciamos com o depoimento do primeiro prefeito eleito da cidade, o professor Jacídio Correia, por meio de uma entrevista concedida por ele para o Museu Histórico Municipal. O senhor Jacídio veio para a região como professor e, por esta razão, sua atuação como prefeito da cidade teve como prioridade a criação de escolas.



**Jacídio Correia:** “Eu vim para esta região em janeiro de 1940, como professor. De Sertanópolis eu fui transferido para Cambé e Rolândia, para organizar os primeiros grupos escolares. Um em Cambé e outro em Rolândia. Fundei em Cambé o grupo escolar Olavo Bilac e o grupo escolar Almirante Barroso em Rolândia, que hoje se chama Colégio Souza Naves. Naquela época Cambé já apresentava sinais evidentes de um desenvolvimento agrícola muito acentuado. As propriedades eram todas divididas em lotes pequenos e uma população muito densa.

A cultura principal era o café. Naquela época só se plantava café! Os cafezais se sucediam, as propriedades se uniam uma com a outra. Você andava na estrada e não via separação de uma para outra. Cambé era distrito de Londrina. Tudo o que se produzia aqui era enviado para Londrina. Aos poucos as pessoas que residiam aqui foram se congregando e foram se formando as lutas pela emancipação da cidade. Assim foi se formando a Associação dos Amigos de Cambé, que foram procurando meios de fazer com que a cidade se projetasse. Em 1945 começamos a luta para emancipar Cambé, então Nova Dantzig. O senhor Eustáchio Sellmann foi nomeado a assumir a prefeitura até se concretizar a eleição municipal. Venci a primeira eleição por seis votos. A função de prefeito foi muito difícil, eu não sabia de onde partir, porque o Município não tinha nada. A minha prioridade foi a educação desde que eu comecei. Quando assumi a prefeitura procurei verificar onde seriam os locais que seria mais necessária a instalação de escolas onde não podia levar o transporte para trazer as crianças do sítio para a cidade. Naquele tempo, aqui em volta da cidade, num raio de 5 quilômetros, as crianças vinham

a pé para a escola. Não podemos falar nem que vinham pelas estradas, vinham pelos caminhos. Até hoje há pessoas aqui da cidade que naquele tempo eram crianças que vinham a pé para a cidade para estudar: do Cateto, do São Domingos, do Esperança, do Zamberlan... Até então só tinha o grupo escolar aqui. Observamos que um dos núcleos que tinha uma população mais acentuada era no Bratislava, então buscamos meios para construir uma escola lá. Nossa divisa até então ia até o Km 12. As grandes propriedades que depois passaram a ser de Cambé, foram fixadas anos depois, na época em que eu fui prefeito, que era aquela região da Prata. Aquela região toda pertencia a Bela Vista do Paraíso. Com a anexação da região da Prata, Cambé dobrou de área geográfica. Tinha aproximadamente dez mil alqueires e passou a ter mais de vinte mil alqueires depois da anexação daquela região. Vieram então fazendas grandes. Além da escola, nossa preocupação também eram as estradas porque o pessoal do sítio precisava ter estrada para vir para a cidade. Os sitiantes naquele tempo ou usavam cavalo ou o carrinho para vir para a cidade e nós precisávamos atrair estas pessoas para as cidades”. (Jacídio Correia. Prefeito de Cambé nas gestões: 1947 a 1951, 1955 a 1959 e 1963 a 1969)

**FONTE:** Museu Histórico Municipal.

### **Anexação do distrito da prata e sua relação com as escolas rurais:**

O Distrito da Prata foi a última região anexada ao território cambeense, em 1956, por meio de um plebiscito. Constam informações de que em fazendas localizadas naquela região, como a Santa Lina e a Bicatu, havia uma população considerável que trabalhava nos cafezais, e com isto, a implantação de núcleos educacionais era uma necessidade urgente. Segundo Leite (2000), já na década de 40 quando ainda pertencia a Bela Vista do Paraíso, esta região possuía uma escola, toda de madeira, que atendia os filhos dos colonos e proprietários que moravam na região. Era a Escola Monteiro Lobato, nomeada assim anos depois de sua fundação. Após a anexação da região ao município de Cambé, a escola fundou sua primeira Associação de Pais e Mestres. Anos depois, a escola Monteiro Lobato, já sob a administração cambeense, foi substituída por uma escola nova, toda de alvenaria, e recebeu o nome de Escola Ermelino de Leão. Sobre o plebiscito, a população da região da Prata foi às urnas para decidir em qual Município queria ficar: Bela Vista do Paraíso ou Cambé. Os motivos que levaram a esta ação, são destacados por Leite (2000, p.30):

O Distrito da Prata, [...] na década de 50 se encontrava em processo de crescimento. Em seu espaço, a cada dia se estabeleciam pontos comerciais variados e muitos moradores vinham de outras regiões se estabelecer naquele lugar. Na época, o município de Bela Vista do Paraíso era responsável pela administração do local, no entanto, esta cidade não se posicionava adequadamente frente às necessidades e anseios dos moradores. Era do interesse da população que fossem criadas mais escolas

na região do distrito, já que a Escola Monteiro Lobato, por ser pequena e modesta, não atendia à demanda de alunos. A outras reivindicações era que fossem melhoradas as estradas de acesso à sede do município e também às cidades próximas. (LEITE, 2000, p. 30)

Segundo Leite, o gestor de Bela Vista não apresentava soluções para os problemas enfrentados por estes moradores, que muitas vezes recorriam à Cambé, ao senhor Jacídio Correia, então prefeito da cidade. Conforme relato do próprio senhor Jacídio anteriormente citado, a escola estadual Fazenda São José, na propriedade dos irmãos Artimonti, foi uma iniciativa do Município. Cambé também atendia os moradores da Prata com relação à manutenção das estradas. Por esta razão surgiu a ideia do plebiscito. Já que tinham apoio da população local, os dirigentes de Cambé resolveram lutar pela conquista destas terras. O plebiscito foi realizado no dia 5 de agosto de 1956, por meio de 6 urnas dispostas na Escola Monteiro Lobato. Conforme consta na ata de votação do plebiscito, a Prata era uma região que contava com um número grande de habitantes, visto que o número de votantes passava de 1600 eleitores. Foram cerca de 11 mil alqueires anexados ao município, o que dobrou a extensão territorial.

### Entrevista com os prefeitos

Em colaboração com o resgate histórico sobre as escolas rurais do Município, os ex-prefeitos Antônio Waldemar Garcia, Gilberto Berguio Martin, João Dalmácio Pavinato, Luiz Carlos Haully e o atual gestor de Cambé, José do Carmo Garcia, foram convidados a falar sobre o atendimento às escolas rurais municipais durante sua gestão. As entrevistas foram realizadas na Secretaria Municipal de Educação, em julho de 2019.

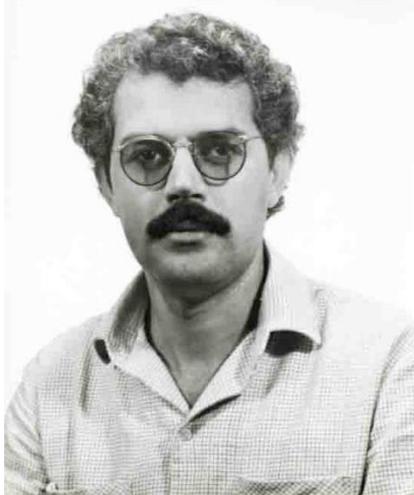


**Antônio Waldemar Garcia:** “A primeira escola que eu fiz foi no jardim Alvorada. A cidade estava chegando ali. Foi a primeira escola municipal urbana. **No Município naquela época, praticamente todas as escolas municipais eram rurais.** A prefeitura tinha que construir as escolas, tanto é que quando eu saí, o Colégio Atílio Codato estava quase sendo concluído. Estávamos fazendo três grandes escolas. Município e Estado compartilhavam muito as unidades escolares. Naquela época a cidade era mais rural. A população do Município era mais rural. Eu me lembro quando assumi a prefeitura, nós compramos quatro peruas *Rural Willis* para enfrentar o barro das estradas rurais e poder levar as professoras e

merenda. Quando iniciou o êxodo rural por conta da geada, os números de população rural e urbana começaram a mudar. Tenho uma fotografia mental nítida do dia da geada! Na parte mais alta da cidade dava para ver os cafezais, tudo verde. À tarde estava tudo preto. Eu percebi que a população começou a vir para a cidade. Eu ia nos bairros e identificava aquela população que a gente conhecia lá na zona rural praticamente inteira. O pessoal ali da região do Km 9, do Km 12 estavam fixando morada ali no Santo Amaro, Parque Manela, Alvorada. Foi a época em que mais se vendeu terreno de loteamento. O jardim Ana Rosa por exemplo, foram loteados 60 alqueires de uma fazenda inteira para formar zona urbana. Assim como também o jardim Ana Elisa, o jardim Silvino. A minha prioridade na administração era industrialização para dar emprego. Buscávamos autonomia como Município. Havia necessidade de se abrir frentes de emprego. Compramos mais terrenos além daqueles que as empresas já ocupavam e seguimos construindo indústrias. Outra frente de minha gestão foi habitação. O Cambé II é da minha época. Só não consegui entregar. Quando saí da prefeitura as casas estavam quase prontas. O pessoal da Assistência Social ia muito para a zona rural. Quanto às NUCLEARIZAÇÕES (processo que reorganizou a clientela das escolas rurais que faziam parte de uma mesma região para serem atendidas em uma única unidade), diante das dificuldades causadas pela diminuição do número de alunos e manutenção das escolas, já se falava em processos de nuclearização. Também por causa da oferta de atendimento das classes multisseriadas. Achávamos que pedagogicamente isso não era o ideal”. (Antonio Waldemar Garcia. Prefeito de Cambé de 1973 a 1977)



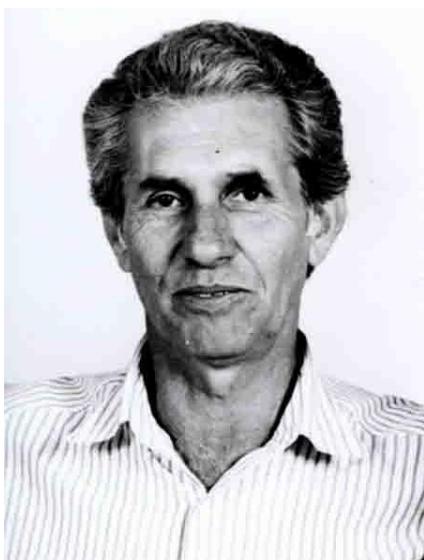
Senhor Antonio Waldemar Garcia em momento de entrevista com a assessora pedagógica Angélica e a Secretária Municipal de Educação, em julho de 2019.



**Luiz Carlos Haully:** “Eu antes de ser prefeito fui vereador e percorria toda a cidade - zona urbana e rural- trazendo as necessidades do Município para a gestão. Eu então me adiantava fazendo proposições a cada semestre de todas as necessidades que verificava, dentre elas, de escolas e estradas. Quando assumi a gestão não existia secretário municipal, era chamado de Departamento, eu que criei esta nomenclatura. A dona Arailde Conceição foi a minha Secretária de Educação. Ela já havia sido do Dr. Roberto, do Jeovah e depois da minha gestão foi também a Secretária de Educação da gestão do Luiz. Economicamente, quando assumi a prefeitura em 1983, o Brasil vinha de uma grande crise econômica, que desde 1981 tinha regredido neste setor. A queda do PIB nos anos anteriores foi gravíssima, o que ocasionou uma quebra de 42 indústrias em Cambé. Foi uma estagnação econômica muito grande. Nós fizemos uma pesquisa e a cidade tinha 16% das pessoas desempregadas. A população tinha saído da grande geada de 1975 que dizimou os cafezais, então nos anos seguintes houve um processo de migração da zona rural para a urbana. Cambé, Londrina e as cidades maiores acabaram recebendo um grande contingente. Criei o Conselho Econômico de Desenvolvimento Industrial de Cambé para recuperar estas empresas e indústrias. Conseguimos também implantar mais 112 novas. Na educação, fizemos a primeira escola de período integral pública do Brasil, o Pedro Tkotz. Implantamos a Educação Física em todas as escolas municipais. Fomos o primeiro Município do Brasil a fazer eleição direta para diretores municipais e implantamos biblioteca em todas as escolas. Criamos o sistema de transporte escolar para professores e alunos que não tinham como ir à escola. **Quanto às nuclearizações das escolas rurais, me lembro bem do núcleo do Km 9, que só ali, foram fechadas mais de 20 escolas.** Nosso transporte trazia as crianças para o núcleo e elevou com isso a qualidade do ensino. Ainda não havia asfalto. Só consegui asfaltar até o Km 12 quando fui secretário da fazenda em 87/88. Fizemos a municipalização da merenda escolar e a própria prefeitura produzia. Quanto à formação dos professores, estes tinham participação ativa em seminários, congressos e encontros e reuniões. Priorizamos a criação de Associações de Pais e Mestres. Na minha gestão ficaram 9 núcleos rurais”. (Luiz Carlos Haully, prefeito de 1983 a 1987)



Luiz Carlos Haully, acompanhado de Erasmo Machado, em entrevista concedida à assessora Angélica e à Secretária Municipal de Educação, Cláudia.



**Luiz Foristieri:** “Quando assumi a prefeitura eu era até então o vice-prefeito do Haully. Quando ele foi para Curitiba eu assumi a gestão, em 1987. Com relação à educação, na transição da gestão do Haully para a minha aconteceu a aprovação do Plano de Carreira dos professores. Minha gestão foi a que mais construiu escolas e abriu bairros. De escolas urbanas tínhamos aqui Hilda Soares, Roberto Conceição, Pedro Tkotz, Santos Dumont, Alvorada, Symphoriano, Cogumelo e o Alvoradinha (atual Balão Mágico). Naqueles anos tivemos que assumir todas as escolas rurais que estavam localizadas no Município e que antes pertenciam ao Estado”. (Estevo Luiz Foristieri, prefeito municipal nos anos de 1987 a 1989).



Luiz Foristiei e sua esposa Cleusa, em momentos de conversa com a assessora Angélica e Cláudia, Secretária Municipal de Educação. Julho de 2019.



**José do Carmo Garcia:** “Eu me lembro que percorria todas as escolas rurais. Tínhamos inúmeras. Convivi com estas escolas, não só quando fui prefeito, mas também quando vim para a Prefeitura, que foi em 1977. Neste ano e durante os meus quatro mandatos nós convivíamos com as escolas. A grande dificuldade que tínhamos era o acesso primeiramente. As estradas nem sempre estavam em boas condições para poder transportar os professores, possibilitar a ida dos alunos para a escola e da escola para casa. Havia dificuldade de transporte, de logística. Eram muitos sacrifícios: dos professores, dos pais e dos alunos para o acesso à escola. Chegavam a estudar porque os pais, preocupados com a educação dos filhos, faziam de tudo para que eles realmente estivessem na escola. Nós trabalhávamos num período em que não havia ainda uma receita específica para a educação, para investir. Dependia dos recursos livres, daquilo que se arrecadasse em impostos, etc. Então era muito difícil para a direção da escola, para os professores, para o secretário de educação da época, buscar estes recursos. A luta maior era para manutenção dos prédios, mobiliários, questões de energia, instalações. Chovia muito dentro das salas de aula. Então tudo isso era uma dificuldade que colocava a escola numa situação de não poder gerar conforto para os alunos. Os professores da época faziam muitos sacrifícios, não só administrar a escola, orientavam os alunos, ofereciam materiais, como também tinham o contato direto com as famílias, com as propriedades agrícolas e procuravam buscar a todos, todo tempo, angariar alimentos, ajuda para poder reformar uma escola, para poder pintar a escola, incrementar alimentação. Professores, diretor, zeladores tocavam a escola como se fosse sua própria casa. Os pais, por seu turno, participavam disso. No meu caso eu acompanhei gestores, prefeitos, vice-prefeitos, vereadores que representavam a zona rural. Vivenciamos um quadro de declínio do número de alunos nas escolas rurais. Então tínhamos uma evasão escolar, pois os alunos saíam da escola para ajudar a cuidar das propriedades. Era uma luta muito grande para começar e terminar o ano com o mesmo número de alunos. Muitas vezes o professor tinha que fazer busca nas casas. Isso acontecia porque o aluno tinha que trabalhar, ajudar a família. Algumas famílias que não motivavam. Muitas saíam, não voltavam, embora tivessem se matriculado. Paralelamente a isso, sentimos os efeitos das geadas. O êxodo rural é que se constituía no maior problema para a manutenção e preservação das escolas na zona rural. O êxodo veio com a ausência do café e a introdução da cultura branca: a soja, o trigo. Passou-se a ter um menor

número de famílias no campo. As grandes colônias sumiram, viraram galpão e outras coisas para as propriedades. Algumas foram literalmente derrubadas para ampliar a área de plantio de soja, de trigo. Houve uma diminuição do número de alunos, um esvaziamento das escolas, mas também um outro problema: aumentou a demanda para o município. Com relação ao transporte dos alunos de uma região para outra, o que antes não acontecia, porque antes se tinha as escolas próximas da população. Antes haviam áreas numerosas que tinham um número de pessoas que possibilitava manter a escola ali. Com o êxodo rural algumas escolas foram obrigadas a encerrar as atividades pelo baixo número de alunos por sala, foi necessário fundir as turmas com um professor dando conta de tudo. Também o transporte: como transportar professor de uma área para outra? Neste processo toda a organização do transporte escolar ganha ênfase porque precisava pegar o pessoal, por exemplo, que estava na Prata, na Jurema e trazer para o Km 9. Essa migração foi ruim e a gente assistiu o auge do declínio das escolas rurais, fruto da migração para a cidade. Hoje temos apenas 3% da população morando na zona rural. Houveram duas épocas da minha vida que marcaram contato estreito com as escolas rurais. Eu atuava no movimento Jovem de Cambé MOJOCA e também fui ministro de Eucaristia. Isso me fazia ter um contato muito próximo com as capelas existentes nas fazendas e toda capela tinha uma escola próxima. Destaco a importância do trabalho que está sendo feito aqui. Se nós voltarmos na época dos nossos avós, se eles conseguiram influenciar na minha formação e dar tudo para que eu pudesse estudar, é porque eles receberam orientações de professores, em aulas ministradas na zona rural. Quantas famílias hoje que têm médicos, profissionais liberais, que tem pessoas com muito destaque no Paraná, no Brasil e no Mundo todo, cujos pais, pelo menos até o primário, aprenderam ler e escrever numa escola de zona rural. Há algo que me marcou muito. Hoje, quando vejo as pessoas falarem da merenda escolar, que para algumas crianças lamentavelmente são as únicas refeições que eles têm no dia, eu me lembro de uma visita que nós fizemos na Lorena. Lá, a muitos anos atrás, na primeira escola da Lorena, os japoneses, oriundos de Cafelândia, vieram para cá e introduziram uma horta que ficava no fundo da escola. Tudo o que a horta produzia era para gerar merenda para as crianças. São riquezas que surgiram nas escolas da zona rural. A zona rural é vital para a manutenção da agricultura para o abastecimento do centro urbano, que é o berço, estimula e contribui muito com a geração de riquezas, e já gerou também muita mão de obra. Estas áreas hoje são responsáveis pelo agronegócio. Tudo isso começou numa escola de zona rural. Quando ando por algumas cooperativas hoje, me deparo com algumas pessoas, filhos, netos de pioneiros que começaram o ensino primário com 7 anos e hoje são agrônomos, funcionários, gerentes, que começaram sua história numa escola de zona rural. Cambé deve muito para nossas escolas de zona rural,

sobretudo aos abnegados professores, zeladores, todos os que contribuíram com esta história. A ideia de Cambé para mudar para a cultura branca e a implantação da indústria na década de 70, bem como o agronegócio, levaram Cambé ao que ele é hoje e com certeza começou lá no campo, num banco de escola rural. (José do Carmo Garcia, prefeito municipal por 4 mandatos: (1989 a 1992 - 1997 a 2000 - 2001 a 2004 - 2017 a 2021)).



Atual prefeito municipal José do Carmo Garcia, em momento de conversa na Secretaria Municipal de Educação. Nas fotos, o diretor do departamento pedagógico, Luciano Moraes Cardoso, a assessora Angélica e a secretária de educação, Cláudia. Julho de 2019.



**Gilberto Berguio Martin:** “Na educação, construímos o CAIC, a escola Onze de Outubro, reformamos várias escolas. Intensificamos o programa de transporte rural pois tínhamos esta demanda e também repensamos a situação de que em pequenas escolas rurais, na mesma sala, eram atendidas diferentes turmas. Foi feito um estudo pela equipe da SEMED de que do ponto de vista pedagógico era muito mais produtivo se tivéssemos cada turma na sua série correta com sua professora. Para fazer isso, tínhamos que juntar algumas escolas pequenas e núcleos próximos para que conseguíssemos ter o número de alunos suficientes para poder formar estas turmas. Era um processo que gerava um certo enfrentamento porque tinha que tirar alunos e seus pais de uma situação mais cômoda que era de levá-los para uma escola mais próxima, para transportar esta criança para outra escola, um pouco mais longe, mas que ia possibilitando formar este número de pessoas. Este foi um problema, que gerou um certo enfrentamento. Concentramos bastante na ideia de garantir uma merenda escolar de qualidade. A merenda era municipalizada e garantida tanto as escolas municipais quanto as estaduais. No meu mandato também tivemos alguns programas como o “Lápis na Mão” em que a prefeitura dava no início do ano material

escolar básico a todas as crianças. No segundo ano do meu mandato foi feito o concurso para contratação na educação. Foi feito também o primeiro concurso contra perdas nas colheitas, que depois virou programa estadual. Era uma parceria entre agricultores, secretaria municipal e a prefeitura. Era um concurso de redação que incentivava os pais a terem mais cuidado na colheita. Era um programa que atingia desde a escola e chegava através do sindicato rural até os operadores de máquinas. Na escola as crianças estavam de alguma forma vinculadas à produção rural. Esse programa que iniciou em Cambé, virou posteriormente um programa estadual. (Gilberto Berguio Martin (1993 a 1996).



Dr. Gilberto Martin, em momento de entrevista na secretaria de educação, com Angélica e Claudia.



**João Dalmácio Pavinato:** “Comecei a trabalhar na prefeitura em 1983, logo quando Haully assumiu seu mandato. Comecei trabalhando no Departamento de Patrimônio, justamente um departamento que cuidava dos imóveis e dos móveis do Município. Por conta desta atividade eu acabava tendo a obrigação de visitar todos os prédios públicos do Município pois cuidava do tombamento patrimonial. Fazia visitas para conferir como estavam as condições, por causa disso eu acabei caminhando em muitas escolas rurais.

Naquela época ainda havia uma grande quantidade. Eram construções simples, algumas de madeira, outras de alvenaria. A da Fazenda Ipoméia era de alvenaria, mas a maioria eram construções de madeira e sempre com uma ou duas salas de aula simples. Até porque ainda não haviam sido atingidas grande quantidade de reformas que a legislação da educação foi indicando em 1988. Os professores iam de Kombi. O DEC ficava em frente aos correios, na Av. Inglaterra, depois veio para a esquina da Inglaterra e Dinamarca, em seguida mudou novamente. Havia uma grande quantidade de veículos que levavam os professores para as aulas

nas fazendas. A merenda geralmente era feita lá mesmo por pessoas que estavam nas imediações. As escolas eram pintadas de verde e as professoras eram muito dedicadas. Tinha o pessoal que escolhia ir dar aula na escola rural por opção, mas não era uma vida fácil. Era tudo muito bem organizado, dentro do que era possível. Mas a gente já via em alguns lugares eram poucos alunos, até porque o êxodo rural já estava bastante intenso já que teve como contexto final a geada de 1975. Em 1982 o café praticamente não existia por aqui e já tinha esvaziado muito a população na zona rural. Naquela época ainda se dava alguma atenção pela questão populacional da zona rural. Algumas destas escolas ainda possuíam carteiras duplas, mas já dava para perceber que estavam passando por um período de decadência desse atendimento. Em algum dos mandatos posteriores, começou o processo de nuclearização, centralizando alguns lugares, como o Bratislava, o Km 9. Desativou uma grande quantidade de escolas. Na minha gestão, D. Pedro e Ana Zichack foram as duas escolas rurais. Reformamos a escola Ana Zichack Mazzei. Foi em meu mandato que o Currículo Municipal da Educação do Ensino Fundamental foi feito. (João Dalmácio Pavinato. Prefeito Municipal por dois mandatos: 2009 a 2012 - 2013 a 2016).



João Pavinato em entrevista com a secretária Claudia e a assessora Angélica. Julho de 2019.

## Em busca de um resgate às origens da educação municipal

Desde sua formação, Cambé possuiu os seguintes secretários de Educação:

Quadro 1 – Secretários de Educação de Cambé

| <b>PREFEITO</b>           | <b>PERÍODO</b> | <b>SECRETÁRIO (S)</b>                         |
|---------------------------|----------------|-----------------------------------------------|
| Jacídio Correia           | 1947 a 1951    | João Panasiewcs                               |
| José dos Santos Rocha     | 1951 a 1954    | Ofélia Raminelli Burgo 1951 a 1952            |
|                           |                | João Zacaarkin 1953                           |
| José Joaquim Canedo       | 1954 a 1955    | Elisa Marques Figueiredo 1954                 |
| Jacídio Correia           | 1955 a 1959    | Carmen Dias Pereira 1955 a 1956               |
|                           |                | Flávia Carvalho Souza 1957 a 1960             |
| José dos Santos Rocha     | 1959 a 1963    | Maria Joana Tonczak 1961 a 1962               |
| Jacídio Correia           | 1963 a 1969    | Iracy Paschoal Knoll 1963                     |
|                           |                | Flávia Carvalho Souza 1964 a 1968             |
| Archimedes Climério Mozer | 1969 a 1973    | João Panasiewcs                               |
|                           |                | Saturnina Caciatori (1970 a 1972)             |
| Antonio Waldemar Garcia   | 1973 a 1977    | Marta Francisca Scripes 1973                  |
|                           |                | Marlene Savade Carvalho 1974 a 1976           |
| Roberto Conceição         | 1977 a 1978    | Arailde Conceição                             |
| Jeovah de Almeida Gomes   | 1978 a 1983    | Arailde Conceição                             |
| Luiz Carlos Haully        | 1983 a 1988    | Arailde Conceição                             |
| Estevo Luiz Foristieri    | 1988 a 1989    | Arailde Conceição                             |
| José do Carmo Garcia      | 1989 a 1992    | Arailde Conceição                             |
| Gilberto Berguio Martin   | 1993 a 1996    | Salete Maria de Camargo                       |
| José do Carmo Garcia      | 1997 a 2000    | José Garcia Gonzáles Neto                     |
| José do Carmo Garcia      | 2001 a 2004    | José Garcia Gonzáles Neto                     |
| Adelino Margonar          | 2005 a 2008    | Cleusa Alves Foristieri                       |
| João Pavinato             | 2009 a 2012    | Cláudia Aparecida Paschoal de Souza           |
| João Pavinato             | 2013 a 2016    | Cláudia Aparecida Paschoal de Souza           |
| José do Carmo Garcia      | 2017 a 2020    | Cleusa Alves Foristieri (1º semestre de 2017) |
|                           |                | Claudia Santos Codato Segura (2017 a 2020)    |

**Fonte:** “Memórias: Histórico institucional da Rede Municipal de Educação de Cambé”. Secretaria Municipal de Educação, 2016.

## ENTREVISTA COM OS SECRETÁRIOS DE EDUCAÇÃO

Os Secretários de Educação - que durante boa parte da história da cidade foram chamados de Inspetores, pois a Secretaria de Educação, até a década de 80, era chamada de DEC “Departamento de Educação e Cultura” - acompanharam todo o processo de desenvolvimento e cessação de funcionamento das escolas rurais. Fizemos um momento de conversa com eles e inúmeras foram as lembranças daqueles tempos... infelizmente alguns secretários já não estão mais em nosso meio ou não foram localizados. Em pesquisas nos documentos da época conseguimos as fotografias de alguns deles e registramos aqui:



Flávia Carvalho Souza  
(Inspetora Municipal de Educação de 1957 a 1960 e de 1964 a 1968)



João Panasiewcs (Inspetor Municipal de Educação de 1947 a 1951 e de 1969 a 1973)



Saturnina Caciatori (Inspetora Municipal de Educação de 1970 a 1972.)



Maria Joana Tonczak (Inspetora Municipal de Educação de 1961 a 1962)



Iracy Paschoal Knoll (Inspetora Municipal de Educação em 1963)



Secretários que participaram de um encontro na SEMED para início do trabalho de pesquisa da história das escolas rurais em novembro de 2017: Em pé: José Garcia Gonzáles Neto, Arailde Conceição, Angélica Pires Nantes de Oliveira Zerbetto (assessora pedagógica da SEMED) Salete Maria de Camargo, Cláudia Santos Codato Segura. Sentadas: Marlene Savade Carvalho, Sonia Liutti, Marta Francisca Sripes, Ofélia Raminelli Burgo. Cleusa Alves Foristieri e Cláudia Paschoal de Souza não puderam comparecer, mas foram entrevistadas em momentos posteriores.



Conforme nos contou o historiador e ex-secretário de Educação do Município, o senhor José Garcia Gonzáles Neto, o grande volume de pessoas que moravam no campo no início da colonização da região, fazia de Nova Dantzig um povoado essencialmente rural. “No nascente patrimônio de Nova Dantzig, o setor agrário constituía a parcela mais expressiva das atividades econômicas da população. O recenseamento geral de 1940 constatou uma população de 9.647 habitantes, sendo que 6.686 estavam fixadas na zona rural, o equivalente a quase 70% da população”. Assim, história da cidade está mais ligada à história das escolas rurais do que poderíamos imaginar! O historiador lembrou a situação do aumento do território de Cambé por meio da união de uma região que antes pertencia a Bela Vista: a região da Prata. “O grande feito da gestão do senhor Jacídio (então prefeito da cidade) foi o plebiscito que incorporou a região da Prata ao Município de Cambé. Esta disputa veio desde a criação dos Municípios de Cambé e Bela Vista do Paraíso, em 1947. A maioria da população continuamente questionava junto aos poderes públicos municipais de Cambé para a anexação da região. A ideia do plebiscito surgiu pela contínua reclamação dos moradores daquela região com a falta de escolas e má conservação das estradas. Assim, apesar de pertencer

ao Município de Bela Vista, Jacídio conseguiu a instalação de uma escola estadual na Fazenda São José, dos irmãos Artimonti e frequentemente enviava a motoniveladora para consertar as estradas. O plebiscito constituía a solução ideal e, como era previsto, a maioria da população optou pela incorporação a Cambé, com o que o território de Cambé foi praticamente dobrado”. E assim o crescente número de escolas rurais foi se solidificando e atendendo à população que morava no campo. Quando José Garcia assumiu a Secretaria Municipal de Educação, em 1997, as escolas rurais já passavam por processo de cessação de suas atividades. Um momento marcante nesta época foi o fechamento da escola que ficava na Fazenda **Dalto**. Cleusa Foristieri, que também trabalhava na SEMED nesta época, quando foi entrevistada nos contou sobre esta situação: “A comunidade do Dalto também era bem resistente, eu havia ido em algumas reuniões lá para conversar com os pais e eles não admitiam pois achavam que a escola era deles, já que eram as pessoas da família que davam aula. Aceitaram porque na época teve uma situação bem perigosa de roubo. Outra escola que não aceitou facilmente a cessação foi a **Granja Nixdorf**, que naquela época já não funcionava no seu lugar original. Estava funcionando no sítio do Françolin. A escola continuou com o nome de Granja, mas funcionava no sítio do Françolin. Eles não aceitavam o fechamento porque o transporte não desceria para pegar as crianças. A reunião foi pesada”.



Dentre os secretários que participaram do encontro, a senhora Ofélia Burgo (gestão 1951 - 1952) foi a secretária que podia nos contar de tempos mais antigos. Trouxe uma caderneta em mãos, com lembranças que a permitiram compartilhar com os presentes muitas memórias daquele tempo. Algumas questões foram esclarecidas por ela durante a fala, como por exemplo, a existência das escolas rurais estaduais e municipais presentes no campo. A ex-secretária foi relembando sobre as escolas que atendia durante a sua gestão. “As escolas rurais municipais recebiam do Município. Na



região do Caramuru eram a Escola do **Caramuru**, de **Lorena** (onde residiam uma colônia de japoneses), **Saltinho**, - nesta me lembro que a gente ia e depois saía por Londrina numa região onde hoje é o Catuaí - era uma estradinha. Na região da Painerinha, se chamava Grupo Escolar **Machado de Assis** e só funcionava com professores municipais em 2 turnos: de primeira e segunda série quem lecionava era dona Toki. Na primeira vez que eu fui lá na

Machado de Assis, na terceira e quarta série quem lecionava era o professor Carani e depois dele quem assumiu foi a professora Lourdes Bertoletti, que morava lá perto. Também havia uma escola na fazenda **Santa Lina**, que quem lecionava era a Maria Alice, já falecida. Na Fazenda **Bicatu**, da antiga dona, Aparecida Artimonti, havia uma escola que se chamava escola **São José**. Depois, indo para a região da Prata havia uma escola que chamava grupo escolar **Ermelindo de Leão** e lá ficava a professora Alexandrina. A escola da **Fazenda Floresta** e escola **Rui Barbosa**, no Córrego Mimoso que era a Dirce Afonso Pinto e um professor que não lembro o nome que lecionavam. Havia a Fazenda São Manoel e Fazenda Santa Maria, que agora virou tudo Ana Rosa. Na estrada, grupo escolar **D. Pedro II**, que funcionava de primeira quarta série e era dividido o atendimento entre professores do Município e do Estado. Depois tinha a fazenda **Mato Grosso** dos irmãos Munhoz, região do Novo Bandeirantes”.



Dona Marta Francisca Sripes (gestão 1973) relembrou detalhes da escola da Lorena, uma escola conhecida por atender a colônia japonesa que lá residia. “A Lorena tinha uma horta maravilhosa. Parecia um jardim. Era uma colônia de japoneses. Naquele tempo a escola era aberta aos sábados e domingos para execução de atividades”.



A senhora Marlene Savade (gestão 1974-1976) também lembrou de mais algumas escolas encontradas no caminho. “Mais perto da Bicatu tinha a Fazenda **Piratininga**. Depois da **Figueira**, pegava à esquerda e subia, como quem fosse para o Bartira, em Rolândia! Tinha a **Granja Nixdorf**, que era como quem vai para Rolândia, na estrada velha. Tinha a **São Domingos** onde quem lecionava eram a Sonia e a Marli Victola”.



A senhora Sonia Liuti, que também esteve presente na reunião, falou um pouco sobre a formação de professores. “Na época da dona Marta nós fazíamos uma reciclagem com os professores aos sábados. Eles entravam as 8h e iam até as 18h conosco. O professor Luiz Beltrão, era inspetor e colaborava com aulas. Trazíamos pessoas para fazer palestra. Eu me lembro que eu fazia em Curitiba um período de Ensino Religioso e voltei muito entusiasmada porque aquilo me ajudou muito. Daí era o momento do encontro com elas e por causa do tema elas puderam falar um pouco de sua vida. Foi tão rico, tão lindo!” Relembrando também sobre o contato com a comunidade que circundava a escola, dona Sonia relembra como se davam as reuniões de pais e mestres: “Íamos para a escola falar com os pais das crianças e a gente ia muito ter contato com as APMs, no km 9, na Prata. Daí uma coisa foi puxando a outra, começamos com a pastoral familiar da igreja e começaram a fazer curso de noivos nas paróquias, os professores eram sempre os líderes e as escolas eram abertas para isso. Íamos com uma caminhonete que a paróquia nos arrumava. Lá a gente carregava fogão, alimento. Então o domingo passava ser um encontro com pais e jovens da região”.

### **Um divisor de águas na história da educação no campo: a geada de 1975 e o processo de nuclearização das escolas rurais:**



Dona Arailde Conceição (gestões que se estenderam de 1977 a 1992) comentou que as nuclearizações começaram na época em que ela esteve à frente da pasta. “Embora seja difícil lembrar de tudo, recordo que as unidades próximas ao Km 9 fecharam e foram todos para a escola **D. Pedro II**. As condições foram levando a isso. Naquela época ficaram o núcleo da Prata, **Km 9, Bratislava e Painerinha**. Fui Inspetora do Município e do Estado, a dona Marta Sripes também”. Relembrando sobre a nuclearização a ex-secretária destacou que o processo de êxodo rural, em consequência das mudanças ocorridas no campo, colaborou muito para o fechamento de escolas rurais: “O pessoal começou a vir para as cidades. Começaram a diminuir o número dos alunos nas escolas. Tinha escolas com 10 alunos, daí foi se tornando inviável e também por causa das turmas multisseriadas pois o ideal seria cada série em uma sala. Então depois de muito estudo, a

nuclearização aconteceu”. Porém, esta ação não aconteceu de uma hora para outra. Segundo dona Arailde, a comunidade e a própria secretaria foi sendo preparada para enfrentar o quadro que vinha se desenhando pelos acontecimentos no campo. “Não foi de uma hora para outra. Foram feitos estudos sobre isso. Havia uma equipe que estudava estas possibilidades. Trabalhávamos muito com a UEL, os professores de lá ajudavam. Pegando todos estes dados de evasão escolar e de nuclearização e seriação de turmas é que tivemos que partir para conversar com os pais. Tivemos que ir de escola em escola conversando e expondo os motivos, dizendo que a prefeitura iria transportar as crianças e precisávamos dizer os benefícios disso. Aos poucos íamos conseguindo. O pessoal do departamento pedagógico, Maria do Carmo, Tchelo (Consolación), Irani, a Neusa, a Arízia, a Sueli e a Cleusa também”. O processo de nuclearização fez parte da vida de muitos alunos e professores, que tiveram seus locais de trabalho e estudo modificados durante sua vida escolar. Porém, mesmo diante destas dificuldades, a ex-secretária faz uma boa avaliação deste período. “Fazendo uma avaliação, nós achamos que deu certo! O Km 9 (Escola D. Pedro II) ficou uma escola boa! O problema maior eram as questões ligadas ao transporte escolar. Eu tinha medo e pensava: Meu Deus, tomara que não aconteça nada com estes ônibus cheios de crianças! Mas nunca teve problema, graças a Deus! Quando chovia não tinha aula. Se era estrada asfaltada como a do NOVE, tudo bem, mas se fosse de barro era mais difícil. Os professores eram muito dedicados. Davam aula, faziam merenda, limpavam a escola. Estava sempre brilhando. Tinha uma escola que a professora era a Lourdes Gobi. Era uma escola muito limpa! Os professores que eram leigos faziam um curso que se chamava *logos*. Faziam nas férias. Quando surgiu o projeto LOGOS, que era para os professores que não tinham formação, eles vinham, estudavam. Traziam a experiência que elas tinham na escola. Conseguiram se formar, algumas fizeram faculdade. Depois vieram para a cidade”.



Tarde de conversa entre os ex-secretários de educação.



A atual secretária de Educação, Claudia Codato (gestão 2017-2020) nos contou que participou diretamente do processo de nuclearização de várias escolas, pois esteve trabalhando na Secretaria quando a então Secretária Salete Camargo teve que decretar fechamento de muitas escolas rurais. “Naquele período ocorreram boa parte das nuclearizações que ainda Município teve que fazer. Das 50 escolas que já fizeram parte da educação no campo, hoje sobraram apenas dois núcleos rurais: O Km 9 (**Escola D. Pedro II**) e o Bratislava (**Escola Ana Zichack Mazzei**), ainda com um número super reduzido de alunos”.



A ex-secretária Salete Maria de Camargo (gestão 1993-1996) relembrou algumas outras escolas que conheceu, até mesmo antes de assumir a função. “Além das escolas já citadas, me lembro da **Fazenda Figueira, Santa Cecília**, que é onde estudei. Vindo para cá era a **Painerinha, Santa Lina, Nicolino, Santa Cecília, Figueira** e aí o chegava no *Pé de Galinha*. Daí naquela estrada acabavam as escolas. Na minha gestão ainda estavam em funcionamento o **Caramuru, Bratislava, São Domingos, Painerinha, Granja, Prata e Zamberlan**. A **Clotário Portugal** a gente fechou porque estava muito estragadinha. Quando a minha gestão terminou só ficou o **Km 9** e o **Bratislava**. Naquela época alguns professores moravam na região. Tinham professores leigos também porque se aproveitava quem morava próximo”.



A ex-secretária Cleusa Foristieri (gestão 2005-2008/2017) não pôde estar no encontro, mas depois deu sua contribuição. Cleusa passou por muito deste processo, pois trabalhou na Secretaria de Educação muito antes de ser Secretária. “Entrei em 1976 na SEMED, na gestão do Dr. Roberto Conceição. Fiz magistério depois de casada e fui convidada para trabalhar na Secretaria por dona Arailde Conceição, para tratar de documentação de merenda. Quando eu comecei a trabalhar na secretaria, não era o Município que cuidava das escolas rurais. Era o Estado. Dona Ofélia Burgo era a inspetora do Estado e dona Arailde Conceição era a diretora

de departamento do DEC. Quando as escolas rurais estaduais passaram para o Município, ainda era dona Arailde a diretora de departamento. De repente, tivemos que assumir as escolas rurais! Daí as contratações passaram a ser todas do Município. O 1º concurso de professor foi na época do prefeito Antônio Waldemar Garcia. As meninas que passaram tinham que ir para a zona rural, pois na cidade já trabalhavam os professores mais antigos. Então quem assumia, automaticamente tinha que ir para a zona rural. A maioria não possuía automóvel, então tinham que morar na fazenda. Eu fiquei cuidando da merenda das escolas durante muito tempo. Quando as escolas foram municipalizadas, haviam muitas situações que eu vivenciava referentes a isso que eu voltava chorando das visitas. No **Cateto**, a dona Lourdes Gobi tinha uma sala. Ela cozinhava e a cantina era ligada com a sala. Tinha uma janela na cantina e o fogão a lenha era do lado oposto à janela. Ela deixava os alunos, um ensinando o outro, enquanto ela ia fazer a merenda. Ela ia acender o fogão a lenha, colocava fogo e ia dar aula. A sala era multisseriada. Estávamos acostumadas com as nossas escolas municipais urbanas, bonitas, novas! Amarrávamos um lenço na cabeça por causa do fogão. Ela deixava a janela aberta para clarear. Aí vinha vento, fuligem, fumaça. O Cateto me marcou muito. Era muito sofrimento. Na fazenda **Ipoméia** e na **Fazenda Izaura** também eram fogão a lenha. Fizemos uma compra grande de fogões a gás. Quando assumimos, nem janela tinha nas escolas, fizemos compra para equipar. As escolas que possuíam merendeiras eram através da organização da Associação de Pais e Mestres. Me lembro que na Fazenda **Santa Lina** tinha uma pessoa para fazer a merenda. Quando começou a escassear os alunos nas escolas rurais veio a nuclearização. Quando esse processo começou a acontecer foi bem difícil. A comunidade era contra. Uma das nuclearizações foi no Caramuru: daí fechou o **Saltinho**, a **Lorena**, o **Cafezal**. Ficou o **Bratislava** e o **Caramuru**. **Granja Nixdorf** e **São Domingos** que eram mais isoladas ainda ficaram. Aí veio também o núcleo do **Km 9** e da **Prata**, **Painerinha** ficou ainda um tempo porque era muito distante, não tinha como ficar transportando. Eu me lembro que quando eu era diretora administrativa fui participar do fechamento de algumas escolas. Enfrentar os pais era muito difícil”.



A ex-secretária Cláudia Paschoal de Souza (gestão 2009 a 2016), apontou algumas questões que ocorreram em sua gestão com relação às escolas rurais. “Quando iniciamos, em 2009, tínhamos três escolas rurais em funcionamento: Hugo Simas, Ana Zichack Mazzei e D. Pedro II. Fizemos a cessação temporária da escola Hugo Simas porque inauguramos a escola Maria Rosa Trevisan Galhasce,

que ficava muito próxima daquela escola e então não havia necessidade de funcionamento das duas escolas. Todos os alunos que eram da Escola Hugo Simas foram transferidos para a escola Maria Rosa. Quanto à Escola D. Pedro II no Km 9, fizemos alguns pequenos ajustes na parte física, porém nenhuma reforma. Mas na escola do Bratislava, Ana Zichack Mazzei, fizemos uma reforma muito grande pois as dependências estavam precisando, principalmente o cômodo em que funcionava a cozinha. Precisávamos tomar uma decisão: ou fechar a escola porque eram poucos alunos que frequentavam, ou então, caso fosse continuar, teríamos que reformar. Na época até pensamos em fechar, mas alguns pais se manifestaram e vieram conversar conosco e juntamente com o prefeito nós optamos por permanecer ali mesmo. Me lembro que disse ao João (prefeito), que já que havíamos decidido continuar, teríamos que fazer uma boa reforma porque não havia como permanecer atendendo daquela forma. Então, foi feita uma grande reforma e ampliação nesta escola. Foi feita uma cozinha, dispensa, área de serviço, mais salas, e reformamos o que já tinha. Quanto ao acompanhamento das escolas, é como hoje ainda, havia a diretora que era também coordenadora. Ela ficava responsável pela parte administrativa e pedagógica devido ao número de alunos. Naquela época fizemos uma pesquisa e descobrimos que alguns alunos que moravam ali na região às vezes vinham para o centro estudar. Até por isso cogitamos na época em fechar também. Então, como optou-se por não fechar a escola, fizemos também uma ação de conscientização destes pais da região, pois já que a escola ia ser reformada, que os alunos passassem a frequentar esta escola. Fazíamos o transporte de algumas regiões mais distantes. Quanto aos professores, a maioria vinha do centro. Tentávamos incentivar os professores que moravam próximos à escola para que escolhessem lecionar lá, mas isso variava pois eles tinham que passar pelo processo de movimentação funcional. Outra questão importante mencionar é que os professores gostavam muito de dar aulas nestas escolas, pois de uma maneira geral eram alunos bem-comportados, embora percebíamos também uma certa dificuldade de aprendizagem em alguns destes alunos, talvez pelo ingresso da vida escolar ser um pouco mais tardio. O relacionamento com os pais sempre era muito bom, sempre trataram muito bem os professores e todos nós. Fizemos várias reuniões, principalmente na escola do Bratislava por causa das tentativas de fechamento, e os pais eram muito educados, sempre muito respeitosos”.

## Histórias de gerações que lecionaram no campo



Antônia, Sônia, Neide e Mariza.

Dentre as diversas histórias profissionais que iniciaram na zona rural, presenciamos uma muito singular. Uma família iniciou sua vida profissional dando aula no campo! Foi o caso da família Tieppo, retratada nesta fotografia. Esta história começou com dona Antônia, na década de 60 e se estendeu a suas filhas: Mariza, Neide, Sônia e Clarice, porém esta última não atuou na zona rural. Neide relembrou um pouco sobre a vida no campo: “Eu comecei o ginásio tardiamente, pois não tinha escola que oferecia esta etapa perto da minha casa. Depois, quando juntou mais gente que tinha interesse, começamos a ir a pé

para fazer o ginásio no distrito da Warta. Na 7<sup>o</sup> série, com 15 anos, veio o convite para dar aulas. Nessa época, não tinha concurso. Éramos convidadas. Minha mãe, Antonia Lainetti Tiepo era professora na escola Humberto de Campos. Era um pátio grande com a escola e a casa onde morávamos. Uma tarde, estava brincando com os alunos de minha mãe, quando chegaram algumas coordenadoras da SEMED, fazendo o convite para que eu pegasse uma turma de segunda série. Relutei, mas acabei aceitando. Lecionei durante dois anos na Escola Humberto de Campos e com a diminuição dos alunos fui para a Escola Luzia Delgado Torres. Era uma classe multisseriada com as quatro séries juntas. Os alunos geralmente eram crianças carentes, filhos de funcionários de sítios e fazendas, eram educados, respeitosos e cooperativos. Tínhamos que lidar ainda com o acúmulo de atividades, pois também tínhamos que fazer o serviço das zeladoras, cozinheira, orientadora pedagógica, secretária, diretora e serviços gerais. Na limpeza contávamos com a ajuda dos alunos, havia uma escala para saber quem ia ajudar no dia. Os alunos, assim como eu, faziam o percurso a pé, andavam vários quilômetros, mas mesmo assim o número de alunos faltosos era pouco e as famílias participavam como podiam. As avaliações vinham prontas da SEMED e havia data para realização delas serem aplicadas”. A professora Sonia Maria Tieppo Reis, nos contou um pouco de sua história: “Fui contratada para trabalhar na Rede Municipal em 1986, através de minha mãe (Antonia Tieppo), pois ela era professora com dois períodos, mas com o êxodo rural ficou com um só. Ela mudou-se para uma escola localizada na zona urbana, então fiquei no lugar dela. Minhas irmãs já estavam em outras escolas rurais. Não era solicitada formação profissional naquela época, então fiz um teste na Secretaria de Educação. Lecionei na zona rural mais ou menos doze anos. Me lembro que

no início foi muito difícil e tive vontade de largar tudo. Participávamos de reuniões mensais que nos ajudavam bastante na troca de experiências com os colegas e equipe pedagógica. Minha mãe também estava sempre me amparando nas dúvidas. Quando mudou o método de ensino da letra cursiva para a caixa alta não conseguia trabalhar, não tinha segurança! Pedi ajuda à coordenação e fui orientada. Além das avaliações regulares tínhamos um teste trimestral sobre todos os conteúdos estudados”. A outra irmã, Mariza, lembra que foi uma realidade muito difícil: “Quando eu comecei eu tinha completado 18 anos. Cheguei em uma escola em que eram 4 turmas juntas, em uma sala apenas. Eu tinha que virar duas turmas para um lado e duas para o outro. A sorte eram as apostilas que usávamos, porque eu explicava para o 3º e 4º ano o conteúdo para depois ficar mais atenta ao 1º e 2º. Mas eu encontrei uma grande dificuldade. As avaliações iam prontas no tempo para nós aplicarmos. Sem experiência, numa escola que não tinha nem banheiro, onde eu fazia toda a limpeza e a merenda. Eram 26 crianças. As aulas iniciavam às 13h, mas ao meio dia eu já tinha que estar lá para fazer a limpeza da escola, pois ia colocando a merenda no fogo para depois ir cuidando, enquanto estava com eles na sala, para servir às 15h que era o recreio. Era muito difícil. A gente não sabia se fazia merenda, se dava aula ou se tirava piolho da cabeça das crianças. As crianças iam para o 1º ano sem saber pegar no lápis. Em dia de chuva os alunos e até mesmo nós não íamos para a escola, aí o trabalho ficava parado. Por outro lado, a gente nunca ia para casa sem nada na mão. Ganhávamos pão caseiro, frango”.



Tokii Sugayama dos Santos é uma de nossas professoras mais antigas. Iniciou sua carreira em 1954, quando tinha apenas 15 anos: “Meu pai tinha um sítio e próximo desta propriedade havia uma escola. Este lugar se chamava Água do Veadinho. As professoras começavam a dar aulas nesta escola, mas logo desistiam. Sempre estava faltando professora para lecionar lá. Eu fiz um teste, passei e comecei a trabalhar lá. Em 1962 eu me casei e meu esposo comprou uma venda no sítio Paineirinha, que fica na saída para Prado Ferreira”. O início era muito difícil, tudo era muito precário e dona Tokii nos contou um pouquinho sobre a merenda oferecida aos alunos na época: “Cozinávamos em um fogão improvisado feito de tijolos e como panela usávamos latas de 20 litros. Como alimentos, oferecíamos mandioca, batata doce e sopa de arroz quebradinho”. Márcia Simões, filha de dona Tokii, começou na década de 80,

quando completou 17 anos. Ela reconhece que não teve dificuldades ao assumir sua primeira turma por ter a mãe na retaguarda. Iniciou sua carreira após terminar o curso “apronte” que consistia em um curso de formação para habilitar os professores que não possuíam formação para dar aulas. A professora nos contou que na época os alunos não faziam a educação infantil e era preciso percorrer as propriedades rurais para verificar a presença de crianças que estavam em idade escolar. Márcia aposentou no ano passado, em uma de nossas escolas rurais, a escola D. Pedro II no Km 9.



### AS ESCOLAS RURAIS DO MUNICÍPIO DE CAMBÉ

Há documentos que apontam a existência e monitoramento das escolas rurais desde a década de 40, como este por exemplo:

Fl. nº 37

Aos 21 dias do mês de Novembro de 1.945, inspecionei os exames da Escola de Caramurú, regida pela professora CLARA CAVALETTI, que apresentou um considerável número de alunos para exame, devidamente preparados, os quais compareceram convenientemente uniformizados e em devida ordem.

A exposição está ótima e bastante numerosos são os trabalhos.

Felicito as Sras. professoras regentes da Escola pelo bom funcionamento da mesma.

Caramurú, 21 de Novembro de 1.945.

Jacidio Correia- Inspetor Escolar

(Documento presente no caderno de recordações da escola Emílio de Menezes - Caramuru 1964)



Professor Jacídio Correia, Inspetor escolar na década de 40 e primeiro prefeito de Cambé. Por ser professor, em sua primeira gestão construiu várias escolas, bem como realizou contratação de professores para lecionarem nestas unidades.

Em pesquisa realizada nos documentos desta Secretaria e com a ajuda de todos os envolvidos neste projeto, registamos a existência de 51 escolas rurais municipais. De algumas escolas temos informações de início e finalização de atividade, sua localização e imagens, porém, outras, só temos registro em atas antigas de formação de APMFs ou ata de escolha de vaga dos professores. Seguem os nomes das escolas encontradas:

- **Escola Ana Zichack Mazzei**

Início de funcionamento: Década de 30.

Localização: Patrimônio Bratislawa



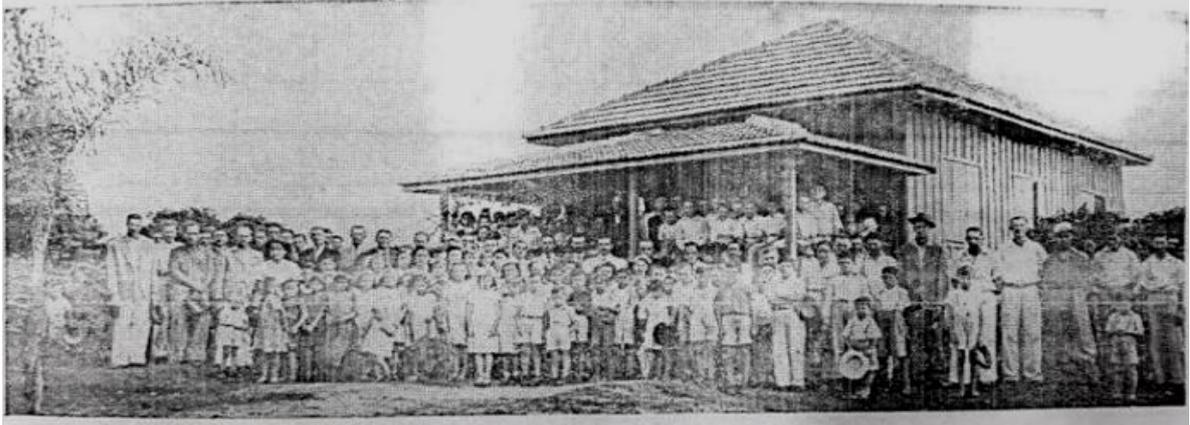
Escola Ana Zichack Mazzei. Data desconhecida.

- **Antônio Carvalho Chaves**

Início de funcionamento: 16/02/1949

Término de Funcionamento: 1995

Localização: Cateto



Escola Antônio Carvalho Chaves. Data desconhecida.

- **Fazenda Aurora**

Início de funcionamento: 13/03/1957

Término de Funcionamento: 1991

Localização: Fazenda Aurora

- **Cafezal**

Término de Funcionamento: 1991



Alunos da Escola do Cafezal. Data desconhecida.

- **Castro Alves**

Início de funcionamento: 15/02/1948

Término de Funcionamento: 1995

Localização: Fazenda Bonilha (Estrada B. Vista - Km. 25)

- **Clotário Portugal**

Início de funcionamento: 15/07/1948

Término de Funcionamento: 1999

Localização: Córrego Caçador / Mantovani



Escola Clotário Portugal. Data desconhecida.

- **Fazenda Conchon**

Início de funcionamento: 16/02/1964

Localização: Fazenda Conchon

Término de funcionamento: Início de 1985

- **Córrego Jaborandi**

Início de funcionamento: 13/03/1957

Localização: Córrego Jaborandi

Término de funcionamento: 1987



Escola Córrego do Jaborandi. Data desconhecida.

- **Córrego São Domingos**

Início de funcionamento: 16/02/1943

Localização: Córrego São Domingos

Término de Funcionamento: 2004



Escola Córrego São Domingos. Data desconhecida.

- **Grupo Escolar Costa e Silva**

Início de funcionamento: não identificado

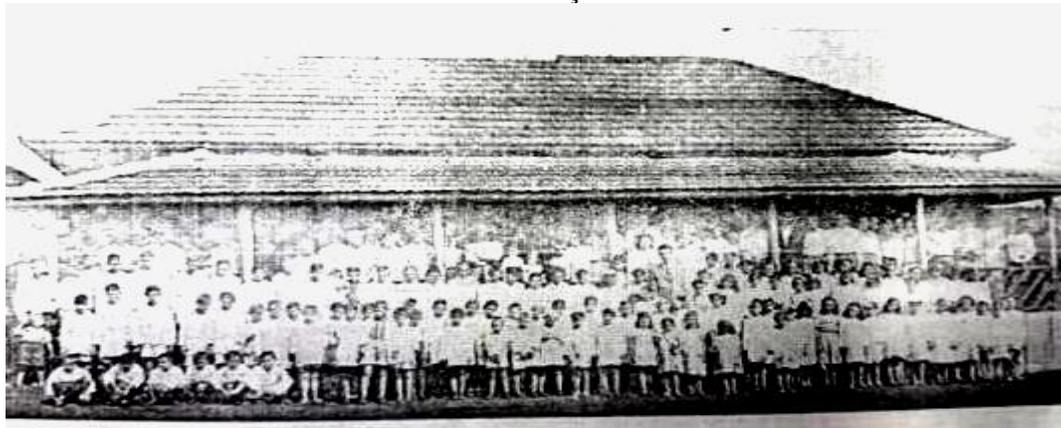
Término de Funcionamento: 1991

Localização: Jurema

- **Monteiro Lobato/ D. Pedro II**

Início de funcionamento: 1939 (quando foi erguida a “Escola do Km 9”)

Localização: Km 9



Escola Monteiro Lobato. Data desconhecida.



Escola D. Pedro I. Data desconhecida.

- **Fazenda Dalto**

Início de funcionamento: 15/02/1946

Término de Funcionamento: 1996

Localização: Fazenda Dalto



Escola Fazenda Dalto. Data desconhecida.

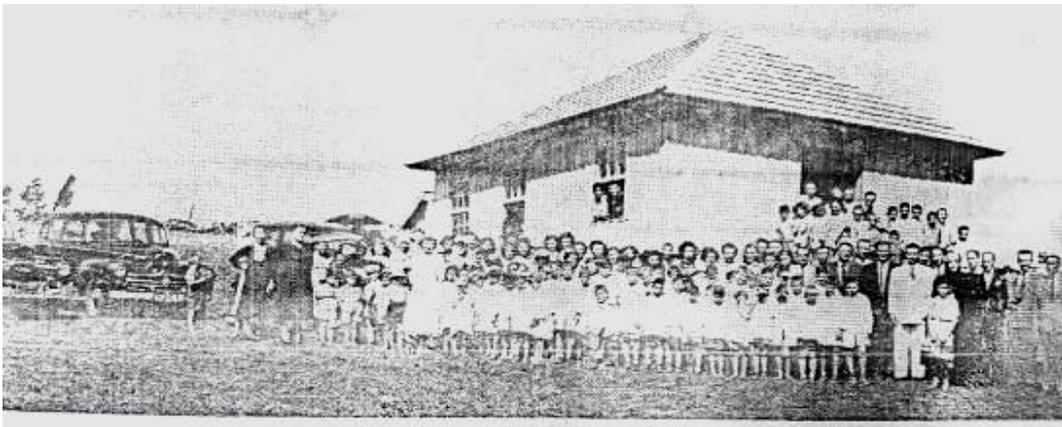
- **Escola Emiliano Pernetá**

Localização: Fazenda Santa Maria

Término de Funcionamento: 1984



Escola Emiliano Pernetá. Data desconhecida.



Escola Emiliano Pernetá. Data desconhecida.

- **Emílio de Menezes**

Início de funcionamento: Década de 40

Término de Funcionamento: 2004

Localização: Caramuru



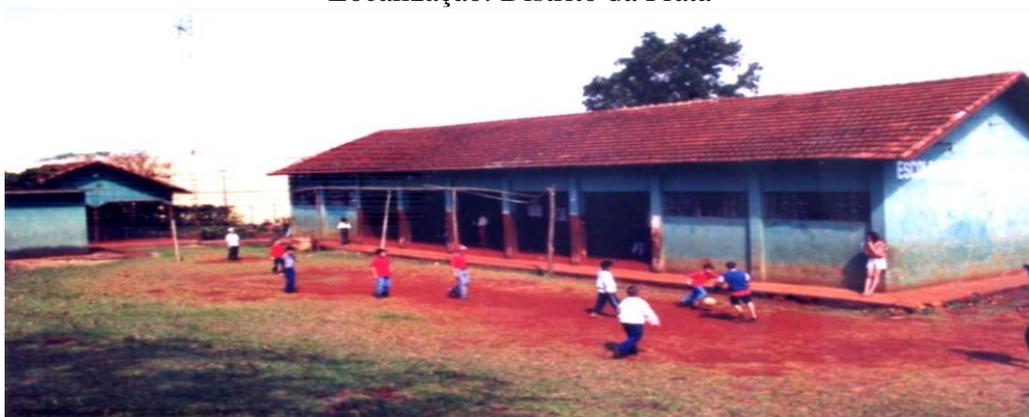
Primeira Escola de Caramuru, 1943.



Segunda Escola Grupo Escolar Emílio de Menezes, 1946.

- **Ermelino de Leão**

Localização: Distrito da Prata



Escola Ermelino de Leão. Data desconhecida.

- **Fernão Dias**

Término de Funcionamento: 1991

Localização: Lorena



Escola Fernão Dias. Data desconhecida.



Alunos da escola Fernão Dias. Data desconhecida.

- **Fazenda Figueira**

Início de funcionamento: 1949

Localização: Fazenda Figueira

Término de funcionamento: 1985



Escola Fazenda Figueira. Data desconhecida.

- **Fazenda Figueira Branca**  
 Início de funcionamento: 16/02/1945  
 Localização: Fazenda Figueira Branca  
 Término de Funcionamento: 1991



Escola Fazenda Figueira Branca. Data desconhecida.



Escola Fazenda Figueira Branca. Data desconhecida.

- **Fazenda Floresta**  
 Início de funcionamento: 13/03/1957  
 Término de Funcionamento: 1991  
 Localização: Fazenda Floresta

- **Granja Nixdorf**  
 Início de funcionamento: 16/02/1945  
 Término de Funcionamento: 1998  
 Localização: Granja Nixdorf



Professores e alunos da Escola Granja Nixdorf.

- **Hugo Simas**

Localização: Córrego Esperança  
Término de funcionamento: 2009



Escola Hugo Simas. Data desconhecida.



Escola Hugo Simas já desativada, 2018.

- **Humberto de Campos**

Início de funcionamento: 15/02/1948  
Término de Funcionamento: 1998  
Localização: Água do Javali

## Fazenda Santo Antonio-Fazenda Fávaro



Escola Humberto de Campos. Data desconhecida.



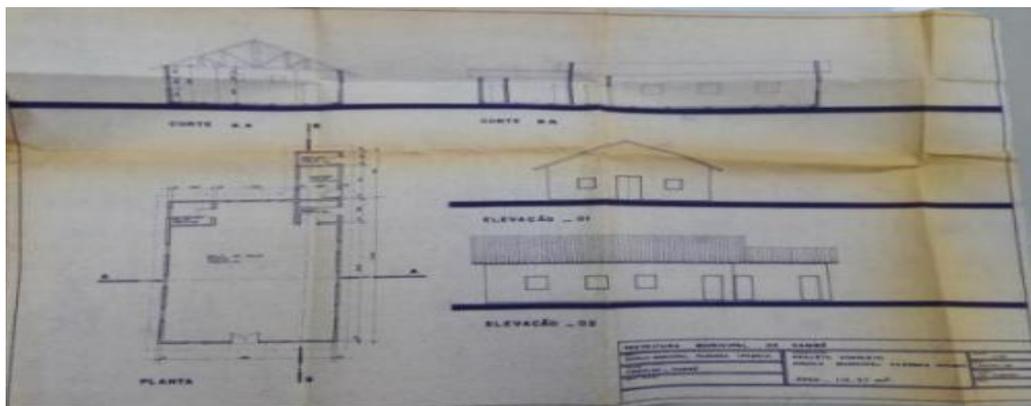
Escola Humberto de Campos. Data desconhecida.

- **Fazenda Ipoméia**

Início de funcionamento: 16/02/1954

Término de Funcionamento: 1995

Localização: Fazenda Ipoméia



Planta da Escola Fazenda Ipoméia.



Escola Fazenda Ipoméia. Data desconhecida.

- **Escola Professora Irene C. Martins**  
Término de Funcionamento: 1990  
Localização: Saltinho



Alunos e professores da Escola Irene C. Martins. Data desconhecida.

- **Professora Izaura Ferreira Neves**  
Início de funcionamento: 15/02/1965  
Término de Funcionamento: 1995  
Localização: Fazenda Fadel /Santa Cecília



Escola Prof.ª Izaura Ferreira Neves. Data desconhecida.

- **Prof. João Panasiewicz**

Início de funcionamento: 16/02/1965

Término de Funcionamento: 1999

Localização: Fazenda Zamberlan



Sala de aula e alunos da escola Prof. João Panasiewicz

- **Professora Luzia Delgado Torres**

Início de funcionamento: 16/02/1968

Término de Funcionamento: 1995

Localização: Córrego Mato Grosso



Escola Prof. Luzia Delgado Torres. Data desconhecida.



Escola Prof. Luzia Delgado Torres. Data desconhecida.

- **Machado de Assis**

Término de Funcionamento: 1997

Localização: Paineirinha



Alunos na parte externa da Escola Machado de Assis. Data desconhecida.

- **Maria Francelina Geraldo**

Início de funcionamento: 16/02/1966

Término de Funcionamento: 1993

Localização: Água do Macuco

- **Mariana Silvério Muniz**

Início de funcionamento: 16/02/1965

Término de Funcionamento: 1988

Localização: Sítio Roncon (Bertan)



Escola Mariana Silvério Muniz. Data desconhecida.

- **Fazenda Piratininga**

Início de funcionamento: 12/02/1957

Término de Funcionamento: 1992

Localização: Fazenda Piratininga

- **Rui Barbosa**

Término de Funcionamento: 1994

Localização: Água do Mimoso

- **Fazenda Santa Adelina**

Início de funcionamento: 1958

Término de Funcionamento: 1991

Localização: Fazenda Numata



Alunos e professores na parte externa da Escola Santa Adelina. Data desconhecida.

- **Fazenda Santa Cândida**

Início de funcionamento: 13/03/1957

Término de Funcionamento: 1988

Localização: Fazenda Santa Cândida



Alunos na parte externa da Escola Fazenda Santa Cândida. Data desconhecida.



Escola Fazenda Santa Cândida. Data desconhecida.

- **Fazenda Santa Dalmácia**

Início de funcionamento: 16/02/1964

Término de Funcionamento: 1995

Localização: Fazenda Santa Dalmácia

- **Escola Santa Hermínia**

Localização: Fazenda Santa Hermínia

- **Fazenda Santa Lina**

Início de funcionamento: 13/03/1957

Término de Funcionamento: 1991

Localização: Fazenda Santa Lina

- **Fazenda Santa Luzia**

Início de funcionamento: 1961

Término de Funcionamento: 1972

(Para inauguração do então Grupo Escolar Pedro Tkotz)

Localização: Fazenda Santa Luzia (atual Parque Manella)

- **Fazenda São Domingos**

Início de funcionamento: 16/02/1956

Término de Funcionamento: 1984

Localização: Fazenda São Domingos

- **Fazenda São José**

Término de Funcionamento: 1994

Localização: Fazenda Bicatu



Escola Fazenda São José. Data desconhecida.

- **Fazenda São Manoel**

Término de Funcionamento: 1986

Localização: Estrada da Figueira

- **Sebastião Paraná**

Localização: Porta do Céu

Término de funcionamento: 1979

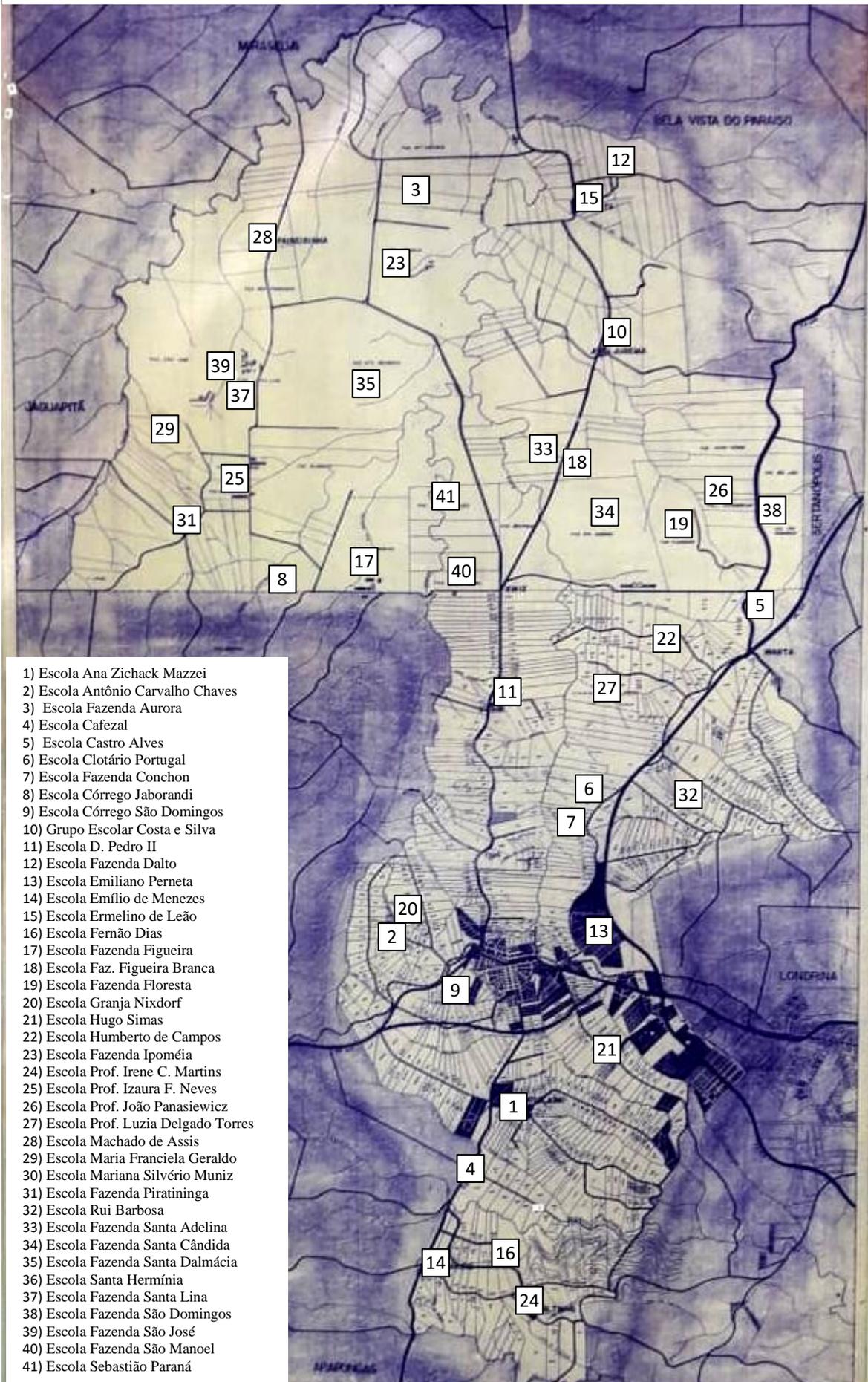


Evento na escola Sebastião Paraná. Data desconhecida.

Durante as pesquisas realizadas nos livros atas desta secretaria, notamos que na década de 50 ainda haviam outros nomes de escolas em funcionamento, porém não há registros de localização das mesmas. Por isto, supomos que sejam escolas pequenas, que tenham ganhado outros nomes após aumento de demanda e tenham se transformado nas escolas acima mencionadas quando regulamentadas. No entanto, a fim de registro, a relação destas escolas consta abaixo destacada:

- Escola da Esperança
- Escola Água do Veado
- Escola da Fazenda São Francisco
- Escola da Fazenda São Joaquim
- Escola de Alto Alegre
- Escola da Fazenda União
- Escola São Jorge
- Escola Nossa Senhora Aparecida
- Escola Santa Terezinha

Distribuição aproximada de algumas das escolas rurais no Município de Cambé.  
(Algumas das escolas mencionadas acima não foram localizadas pois não haviam registros suficientes)



## **AS ESCOLAS RURAIS ATRAVÉS DOS RELATOS DOS SEUS PROFESSORES**

A história das escolas rurais está intimamente ligada ao desenvolvimento do Município de Cambé. Transformações ocorreram no processo econômico municipal, impactando a realidade da comunidade que vivia no campo: o desenvolvimento da cultura cafeeira, as consequências das geadas fortes que assolaram a região nas décadas de 60 e 70 culminando com a geada negra em 1975, o êxodo rural, a mudança de produção rural da mono para a policultura, o processo de nuclearização das escolas do campo, foram pontos importantes para relembrarmos a abertura, funcionamento e cessação destas escolas.

### **Décadas de 50 e 60.**

Com o desenvolvimento da economia cambeense sendo essencialmente rural e com a evolução da cultura cafeeira, foi um processo natural as propriedades rurais ganharem cada vez mais trabalhadores e com eles a presença das famílias com filhos em idade escolar. Segundo o historiador cambeense e ex-secretário municipal de educação da cidade, José Garcia Gonzales Neto, o desenvolvimento da economia cafeeira entre as décadas de 50 e 60 marcaram o desenvolvimento da região: “A economia cambeense na década de 50 girava em torno do café. Os 800 mil pés de café que já existiam nas imediações da pequena Vila de Nova Dantzig no final de 1935, haviam se multiplicado para cerca de 6 milhões de pés em 1950” (GONZALES NETO, 1987, p. 81). Números estes que praticamente triplicaram ao final da década de 60, quando Cambé chegou a apresentar um total de 15 milhões de pés de café. “Em volta da cidade, a paisagem era uma só: milhões de cafeeiros alinhados nos espigões envolvendo as estradas vicinais do município” (GONZALES NETO, 1987, p. 123). Outro fator que marcou momento histórico tratado aqui, foi a já mencionada incorporação da região da Prata ao Município, ainda na década de 50, resultado de uma disputa entre Cambé e Bela Vista do Paraíso, desde a criação destas cidades. Esta incorporação aumentou consideravelmente a extensão territorial do Município e, com isso, também o atendimento educacional dispensado à zona rural. Como o espaço rural era consideravelmente extenso, foram muitas as instituições formadas por todo o caminho do campo! Tivemos o prazer de conhecer estas histórias e partimos daqueles que viveram o auge deste processo, elencando alguns pontos que nos permitissem traçar este cenário de lutas e coragem destes profissionais que abraçaram de forma tão bela a profissão que exigia muito além do que o ato de ensinar. O início do funcionamento das atividades escolares nestes espaços rurais foi marcado por grandes desafios, desde a adequação de locais até a seleção de

professores que atuavam nas escolas. Segundo depoimentos, alguns professores iniciavam já quando terminavam seus primeiros anos de estudo, com 14/15 anos, com o objetivo de ensinar às crianças o pouco que haviam aprendido - o que na época já era muito mais do que a maioria sabia. Em outros casos, quando o prefeito ficava sabendo que a jovem havia terminado o magistério, realizava o convite para trabalhar em uma das escolas do Município.

Seguem abaixo, relatos destes profissionais a respeito da rotina de trabalho nas escolas rurais municipais, coletados em encontros realizados entre os anos de 2018 e 2019.

**AS SALAS DE AULA:** A senhora Dila, que lecionou na fazenda **Dalto**, nos contou que a turma era multisseriada e formada por aproximadamente 30 alunos. Para entrarem em sala era obrigatório os alunos estarem uniformizados com guarda pó branco, limparem os pés e, ao final da aula, limparem o chão da sala. Os alunos comiam a merenda que levavam e os que moravam próximos iam lanchar em casa. Já em outras escolas, cujo número de trabalhadores com filhos pequenos era maior, as salas eram compostas por aproximadamente 50 alunos. Quase todos eram atentos e tinham interesse em aprender. Vinham uniformizados e limpinhos, porém, descalços. Quanto aos aspectos físicos das escolas, a professora Dila lembrou um pouco sobre a Escola Dalto: “A Escola Dalto era de madeira, sem água encanada e sem luz elétrica. A água deveria ser buscada na sede do sítio próximo. Os alunos se revezavam no transporte das latas de água”. Estas situações se repetiam em outras escolas também, conforme nos informou a professora Leonilda: “Era uma casa de madeira, sem forro, janelões de madeira, água tirada de balde de poços”. A professora Marilene também lembrou até mesmo o local inusitado em que sua escola havia sido construída: “Era de madeira, com escada de madeira, janelas amplas, não havia energia nem água encanada. Tinha um filtro, bacia para lavar a mão, latrina. A escola ficava no pasto e não era cercada”.

**TRANSPORTE:** Eram várias as maneiras de chegar até a escola! O grupo foi relembando as aventuras vividas naquele tempo. “Íamos de ônibus de linha, em outras épocas usávamos condução cedida pela prefeitura e alguns moravam na fazenda em que lecionavam. Iam até de charretinha! Quem pegava ônibus da Garcia pagava com o próprio bolso”. Dona Elisa nos contou sobre a experiência de morar na fazenda em que lecionava: “Eu morava na escola pois o prefeito mandou fazer uma casa na **Fazenda São Manoel**. Aí eu morei na fazenda, num quartinho. Eu só subia, atravessava a rua e chegava. Eu morei na casa até nascer minha filha. Depois eu mudei para o **Quilômetro 9**. Fui comadre de muitos colonos! No Km 9 nasceram mais 2 filhos meus. Morei ali por 6 anos. Depois uma professora do **Caramuru**

faleceu e eu mudei para lá. Minha mãe morava lá. Eu fui professora leiga, mas me formei depois. Fiquei lá por 10 anos e depois mudei para Londrina. Dei aula também no **Saltinho**. Eram de 30 a 40 alunos por turma”. Dona Dila contou que precisava caminhar 3Km de casa até a escola e cortava caminho pelas trilhas. A professora Marilene relembrou situações inusitadas que causavam preocupações até mesmo das famílias destas professoras: “Quando o transporte da prefeitura quebrava, voltávamos a pé até Cambé e comíamos frutas pelo caminho. Quando chovia encalhávamos e ao empurrar ficávamos cheias de barro, mas era divertido!”. A professora Geni complementou: “Houveram ocasiões em que a condução não vinha nos buscar. Chegava em casa à noite, passava muito medo”.

**COMO SE CRIAVA UMA ESCOLA?** A Escola Municipal Rural **D. Pedro II** ainda em funcionamento no Município, foi a sucessora da primeira escola do Km 9, conforme os registros no Projeto Político Pedagógico da escola: “ É considerada a sucessora de uma das primeiras escolas do município, a extinta Escola Municipal do Km 9, unidade que foi inaugurada no dia 28 de outubro de 1939, quando a cidade de Cambé ainda era denominada Nova Dantzig. Foi inicialmente construída em terreno doado pelo senhor Attílio Codato, pioneiro da região, tendo sido erguida, segundo dados do Museu Histórico de Cambé, com a ajuda de moradores locais, vindo a ser municipalizada na administração do então prefeito Jacídio Correa (1947-1951) .Posteriormente, em 1965 a unidade foi transferida para terreno ao lado, doado pelo senhor Kentaro Yamahita, contando a princípio com quatro salas de aulas e uma cantina, feitas em madeira e dois banheiros construídos em alvenaria. Em 04 de dezembro de 1981, através do Decreto nº. 93/81 o prefeito da época Jehovah Almeida Gomes ratificou a sua criação e denominação”. Também a Escola Rural Municipal **Ana Zichack Mazzei** se constituiu em uma das escolas mais antigas da rede, ainda que tenha sido criada com outro nome na época. Segundo o Projeto Político pedagógico da escola, coletamos as seguintes informações: “A sociedade Escolar Bratislava surgiu na década de 1930 e teve como principal fundador o senhor José Torrejais, que conseguiu a doação do terreno pela Companhia de Terras Norte do Paraná e a posterior edificação do prédio. Nesta época, a escola teve um caráter nacionalista, recebia os filhos dos imigrantes tchecoslovacos e poloneses. A influência estrangeira marcou significativamente a educação ensinada na Escola do Bratislava. A Escola Municipal Bratislava iniciou suas atividades em 1944 sob a jurisdição da Secretaria Estadual de Educação, localizada no Patrimônio do Bratislava no município de Cambé”. Relembrando este processo de criação das escolas, a professora Lourdes Bertolletti ainda guarda na memória o processo das atividades escolares de quando iniciou: “Era tudo muito difícil na década de 50!

Em 1954 que foi ter uma escola no sítio “**Painerinha**”. A escola que ficava nos “**Bertoletti**” funcionava em dois períodos. Em cada sala de aula eram no mínimo 45 alunos. O uniforme deles era guarda-pó branco. Era uma escola muito boa, mas não tinha luz. Os alunos bebiam água do poço, não tinha cozinha. A professora tinha um diário bem feito com várias atividades, trabalhos, cartazes. A escola era na beira da estrada. Não era um lugar seguro, mas naquela época não tinha perigo de nada”. Leonilda e Marilene contaram que esta decisão de abertura de uma escola partia da própria comunidade. O líder da comunidade geralmente sentia o problema e entrava em contato com o prefeito. Os colonos das fazendas, sítios de café, viam a necessidade da escola para os filhos dos colonos e seus próprios filhos. Em outros casos, a decisão partia do próprio dono da fazenda, que mediante a oferta de trabalho para os colonos, via a necessidade e doava o terreno. Dona Dila, professora da Escola Fazenda Dalto, organizou um belo álbum de memórias da escola, e em um fragmento do texto que será exposto a seguir, relata como foi o início do funcionamento da instituição na referida fazenda: “Dentre as muitas fazendas existentes no município cambeense, uma há que pelo arrojo de seus proprietários, grande foi seu desenvolvimento. Chamou, portanto, para si vários trabalhadores braçais, que ali se instalaram com suas respectivas famílias, formando assim, uma grande colônia, quase que um Patrimônio. Tal desenvolvimento exigiu que ali também se criasse uma escola, a fim de que aqueles pequeninos não fossem instruídos no trabalho rural, mas que se lhes apontasse um horizonte mais claro e seguro, o que só lhes seria assegurado através da luz do saber. E dotado de elevado espírito e que o senhor Luiz Dalto organizou um abaixo-assinado de todos os moradores do local, para que o mesmo fosse apresentado ao senhor prefeito do município (Jacídio Correia)”. Ainda sobre as necessidades da região, algumas escolas municipais urbanas tiveram sua história iniciada como escolas rurais, como é o caso da escola Pedro Tkotz, de acordo com o histórico mencionado no Projeto Político Pedagógico da instituição: “No ano de 1961, na então Fazenda Santa Luzia, foi instituída a Escola da Fazenda Santa Luzia, localizada próximo a Londrina. Era uma construção simples de madeira, contendo um cômodo que funcionava como sala de aula e possuía carteiras, cadeiras, um armário e uma lousa do lado contrário à porta de entrada. Na frente dessa sala havia uma pequena varanda e uma cerca de balaústra cercava toda a construção da pequena sala. Essa escola veio favorecer uma região do município em pleno desenvolvimento, com uma necessidade explícita de uma instituição educacional representada por grande demanda. Em 1969, com a fazenda já desativada, a escola passou a chamar-se Escola do Parque Manella e três anos depois, em setembro de 1972, foi inaugurado o Grupo Escolar “Pedro Tkotz”.

As escolas eram criadas através de Lei Municipal, conforme o seguinte documento:

Lei nº 82

A Câmara Municipal de Cambé Estado do Paraná em sessão de 5 de julho do corrente ano decretou, e o Prefeito Municipal, sancionou a seguinte Lei: nº 82

t. 1º Ficam criadas no território deste Município, as seguintes escolas:—

Uma escola com o nome de "Manoel Ribas" localizada no lugar denominado Prudência, uma escola com o nome "Dr. Clotário Portugal", localizada na Serra Caçador; uma escola com o nome "Dr. Hugo G. Simas" localizada no Corrego Esperança; uma escola com o nome de "Rui Barbosa", localizada no Corrego Jacutinga; uma escola com o nome de "Humberto de Campos" localizada no Corrego Javalby, e uma escola com o nome de "Castro Alves" localizada no Posto de multiplicação de sementes.

t. 2º Para reger as escolas Hugo G. Simas, Humberto de Campos e Castro Alves, ficam criados três cargos de professores pag. G. de acordo com a Lei nº 4.

t. 3º Para fazer face a despesa da presente Lei, fica suplementada a verba 3-2. 8.33-0.6 da Lei orgamentaria com a quantia de Cr\$ 6.100,00 (Seis mil e quatorzentos Cruzados).

t. 4º A presente Lei, entrará em vigor, na data de sua publicação revogada as disposições em contrário.

Edifício da Prefeitura Municipal de Cambé, em 5 de julho de 1948

Jacídio Correia  
 Prefeito Municipal  
 Jacídio Correia  
 Secretário

Lei Municipal de criação das escolas: Manoel Ribas, Clotário Portugal, Hugo Simas, Rui Barbosa, Humberto de Campos e Castro Alves. O documento foi assinado pelo então prefeito municipal, Jacídio Correia, em julho de 1948.

**FORMAÇÃO:** “Neste início, por causa da necessidade, havia o professor leigo. As professoras iam fazendo curso e mais tarde foi ofertado cursos superiores e algumas professoras fizeram até faculdade em Prudente”. Dona Lourdes Bertoletti lembrou que no início da carreira nem queria dar aula: “O senhor Jacídio Correia me convidou, mas inicialmente não aceitei. Depois cedi e fui fazendo cursos. O planejamento era diário e a professora tinha que dar conta dos conteúdos programáticos ao final de cada mês. Ia na reunião pedagógica e apresentava tudo o que havia dado ao aluno”. Percebemos que o grupo tinha uma formação inicial bem diversificada: algumas haviam cursado apenas até a quarta série, outros haviam feito o magistério, que naquele tempo chamava-se “escola normal”.

**HAVIA MEDO DE ALGO?:** O grupo de entrevistados apontou algumas dificuldades enfrentadas: “Éramos adolescentes, recém-formadas que pegávamos o ônibus, descíamos no meio do caminho e depois andávamos 1 km e meio. Eu e minha amiga passávamos em frente a uma boate que era famosa na época. Os homens iam lá. Me lembro que minha mãe tinha preocupação da gente passar na frente dessa boate pois o povo frequentava! A gente via pessoas conhecidas entrando lá e saindo. Andávamos só de guarda pó para saberem que éramos professoras, com pastas nas mãos para ninguém confundir”. Outra professora relembrou que precisavam passar por animais pelo caminho. “Andávamos até chegar na fazenda, atravessávamos um pasto. Um ano depois o prefeito Archimedes Mozer colocou transporte próprio da prefeitura. Aí amenizou o problema. A fazenda era muito legal pois os donos moravam lá, era da família Raminelli. A gente conversava! Era uma escolinha que ficava no alto do pasto! Tenho alunas que eram de lá e hoje são professoras!” A professora Dila lembra que na escola em que atuava havia perigo de abelha e bicho barbeiro.

**DESAFIOS:** Algumas vezes a demanda de alunos era tanta que a escola tinha que buscar lugares alternativos para abrigar as aulas. Marilene Freitas relembrou que por algumas vezes, precisavam improvisar para atender toda a demanda: “Com o aumento do número de alunos, faltava uma sala e o dono da fazenda tentou ajeitar. Daí eu fui dar aula numa capela. Então eu trabalhava na capela que hoje fica ali próximo ao redondo do Ana Rosa. Foi a minha primeira sala. De domingo tinha Missa e durante a semana era minha sala. A salinha foi terminada lá no pasto só em 1969. A igreja existe até hoje... redonda, branca. Naquela época Cambé era bem rural. Onde é a rua França, lá onde é o NAF (Núcleo de Aprendizagem para o Futuro), já era pasto”. Durante a conversa, as professoras lembravam situações em que tinham que ser mãe, tia, merendeira, comadre da família, levar ao médico quando os pais não tinham interesse. Havia um outro desafio característico desta época e da região: era o **ano agrícola** - marcação do calendário escolar de acordo com as atividades agrícolas da região. Segundo os professores, o primeiro semestre era considerado do período após o carnaval até o dia 30 de junho. O segundo semestre iniciava do dia primeiro de agosto até 18 de dezembro. “Estas marcações eram necessárias porque como na época o cultivo do café era intenso, havia muita migração de alunos no mês de junho e era obrigatório darmos aulas para recuperar alunos que vinham de outros lugares. Começávamos em fevereiro, as férias eram em julho (frio e colheita do café), mas mesmo assim muitos faltavam para ajudar os pais (eram envolvidos com a colheita)”. Outro desafio destacado foi o do idioma dos colonos imigrantes, conforme apontou

a professora Leonilda: “Como minha região vinham muitos imigrantes japoneses, eu tinha que aprender a língua deles para poder me comunicar e ensiná-los”.

**RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA:** Diante dos relatos, o relacionamento entre professores e família era de respeito e admiração. A professora Sonia Ely nos contou que os pais eram analfabetos ou semianalfabetos e tinham muito interesse nos estudos dos filhos. A relação era bastante próxima. Os pais colaboravam nas festas, comemorações e passeios. A professora Leonilda lembrou que na fazenda em que dava aulas, o esforço em proporcionar escola para os filhos era tanto que os colonos vinham de uma distância de até 5 km a pé. O grupo foi unânime em reconhecer que os pais ensinavam seus filhos a importância de estudar. As famílias eram simples e honestas.

#### **Fotos produzidas nas escolas rurais nas décadas de 50 e 60:**

Durante o período de pesquisa, muitos foram os documentos coletados, sejam eles escritos - como relatórios, fichas de contratação, plantas da escola - como imagens produzidas no período histórico destacado. Foram selecionados alguns deles que serão expostos nas próximas páginas. Nota-se que alguns documentos não trazem consigo datação e origem de sua produção, porém julgamos importante fixarmos as imagens aqui.



Turmas de Escolas rurais. Escolas não identificadas.



Turmas de Escolas rurais. Escolas não identificadas.



Senhor Minoru. Motorista que atendia algumas escolas rurais na região da Fazenda Dalto. Década de 60



Realidade vivida por muitas escolas da época. Poço em que era coletada água



Escola da Fazenda Mato Grosso. Datação desconhecida.



Formatura da Escola Humberto de Campos 1968.



Escola da Paineirinha. Data desconhecida.



Escola da Paineirinha. Data desconhecida.



Evento com os professores. Data desconhecida.



Escola São Domingos. Professora Sonia.



Escola Castro Alves, 1967, professora Venice.



Distribuição de merenda na escola Emílio de Menezes. Atividade que se iniciou em 1965. Os alimentos eram leite, sopa, arroz doce, bolinho e mingau. Era feito fora da escola.



Escolas do Campo não identificadas



Escola não identificada



Escola do Caramuru (primeira construção)

**Ficha Individual de Funcionários**

Nome Mariana Romero Sanches  
 Nascido em 22 de Janeiro de 1.944  
 Na cidade de Londrina Estado \_\_\_\_\_  
 Filho de Jesquia Romero  
 e de Antonia Sanches  
 Estado Civil Solteira Cor BRANCA Alt. 1.70 Olhos VERMELH.  
 Cabelo Loiros Certificado de Reservista N.º \_\_\_\_\_  
 Cargo Professora - Esc. Rui Barbosa - 2 (deis) Períodos  
 Nomeado em 14 de fevereiro de 1962; Exonerado em \_\_\_\_\_  
 nomeada pelo Decreto nº 37/62

CAMBE, 10 de junho de 1964.

*Mariana Romero Sanches.*  
 ASSINATURA

*R. Souza*  
 Inspetora Municipal

POLEGAR DIREITO

DATA DA ADMISSÃO 11. 02. 1963

1963

POLEGAR DIREITO

1963

Ficha de identificação funcional da professora Mariana Romero Sanches, Escola Rui Barbosa.



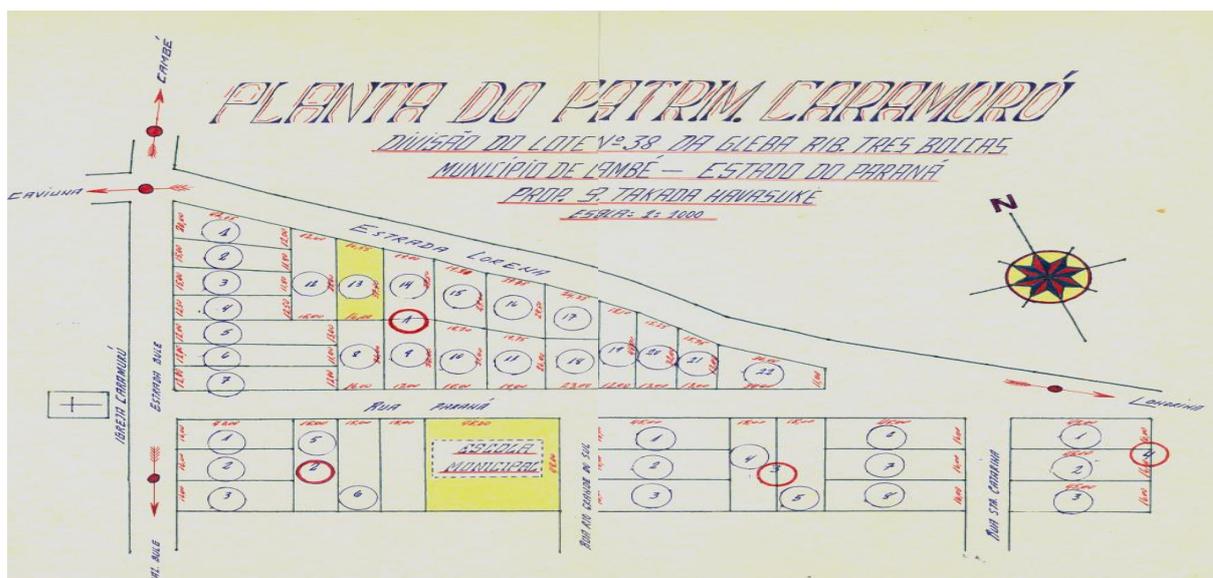
Encontro de professores em momento de formação. Década de 60.



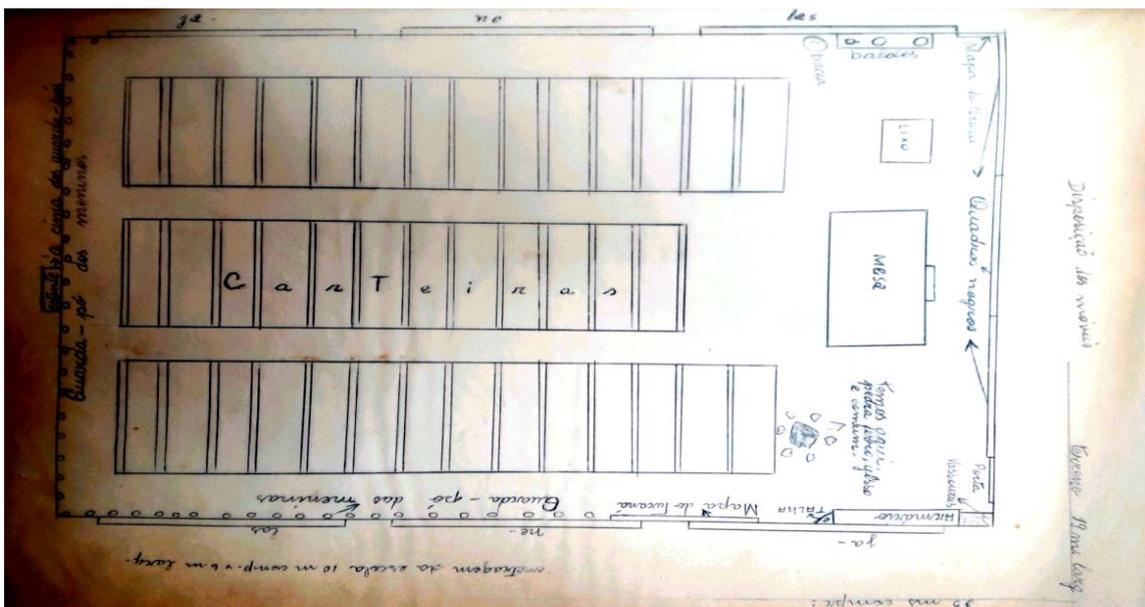
Momentos de formação de professores, data desconhecida.



Sala de aula na escola do Caramuru, professora Iracema Góes. Década de 60.



Planta do Patrimônio Caramuru, presente no histórico escolar da instituição. Década de 60.



Planta da sala de aula da escola rural Fazenda Dalto. (Fundada em 1958)



Professoras Dila e Maria Silveira Pereira na escola fazenda Dalto. Década de 60.



Alunos em frente ao prédio da Escola Fazenda Dalto. Década de 60.



Senhoras voluntárias faziam merenda na fazenda Dalto



Alunos participando do desfile municipal em 1964.



Escola do Cateto participando do Desfile Municipal, 1968



Chegada da merenda na escola fazenda Dalto. Década de 60.



Escola Emílio de Menezes em desfile municipal. Década de 60.

### **Professores dos anos 70**

Chegamos aos anos 70! Década marcada por mudanças bruscas na economia de nossa região, desencadeada pela terrível geada de 1975 que assolou os cafezais e a vida de uma população que tinha nesta cultura o principal meio de sustento. Como será que a educação do campo passou por este período? Não foi fácil, muitas escolas colheram os frutos deste fenômeno climático tendo que fechar suas portas, extinguir suas atividades por causa do êxodo rural que foi intenso nos anos subsequentes a 1975. É o que veremos agora nos depoimentos dos professores que iniciaram sua carreira passando por este momento histórico.

Relatos coletados a partir de reuniões realizadas entre os anos de 2018 e 2019.

**O CAMINHO ATÉ A ESCOLA:** Havia professores que por morarem próximos à escola iam a pé ou como o senhor Luiz Batilane descreveu, iam de bicicleta. Alguns professores vinham para cidade após o término do trabalho, mas alguns optaram por morar na fazenda em que lecionavam devido à distância. A professora Lurdes Nadur apontou situações de dificuldades para chegar em seu trabalho: “Eu ia a pé, passava por uma invernada e tinha algumas vacas que às vezes eu e três alunas que iam comigo tínhamos que correr”. As professoras Eulália e Rosa, lembraram: “Íamos de ônibus, era com a Kombi do senhor João. Descia no carreador do Roncon. Depois a Kombi ia para a Santa Cândida. Também havia professores que iam com ônibus de linha. Ivone também apontou um outro meio de transporte utilizado: “Íamos com uma Rural Willis, a estrada era sem asfalto, enfrentávamos muita poeira e muito barro. A minha escola era a última do percurso, por isso eu chegava às 14h e as 16h15 já saía”. Durante a conversa, lembraram a distância percorrida e as dificuldades de quando o transporte quebrava. “A Santa Dalmácia era a última escola da estrada da prata. 25 Km de distância. Deixava os professores na Santa Cândida (Zeza, Rosa Viani), voltava para a Fazenda

Figueira, Porta do Céu. Um dia quebrou a Kombi e a comunicação era assim: tinha que passar alguém de carro para vir na prefeitura avisar que a Kombi estava quebrada lá atrás para mandar outro transporte para nos resgatar. Eu lembro que nesse dia eu cheguei em casa era quase 19h. Meu pai já tinha ido na prefeitura para perguntar”, comentou uma das professoras.

**RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA:** Segundo o grupo, a relação entre a família e a escola era muito boa, os pais eram compreensivos e colaboradores. A professora Eulália relembra com carinho, dizendo: “Os pais eram nossos maiores ajudantes. Auxiliavam nas quermesses e festas juninas”. Haviam algumas exceções, pois enquanto para algumas famílias, a escola ficava praticamente ‘em seu quintal’, para outras, a escola era muito longe e sua rotina de trabalho não permitia que eles ainda tivessem preocupação em buscar o rendimento escolar de seus filhos. Já para os alunos, a escola era um atrativo, pois se ele não fosse para a escola ele iria para a roça. Os pais orientavam os filhos a respeitarem a professora e por não terem estudo a tinham como figura de muito respeito. A professora Carmem relembra que quando ia embora, eles a levavam até o asfalto e enquanto o ônibus não chegava eles não iam embora. “Era em média 30 alunos por turma. Eram dedicados, prestavam atenção. Tinham muito medo de reprovar”.

**A TURMA:** A quantidade de alunos por turma era grande, porém variava de acordo com a comunidade que atendiam. Enquanto algumas escolas contavam com turmas de 25 a 30 alunos, algumas escolas ainda tinham turmas com mais de quarenta crianças. Quem comprovava rendimento dos alunos era contratado. A professora Jovina Matos, que lecionava na Escola Santo Antônio, também lembrou esta condição: “A gente começava a trabalhar durante o ano e no final do ano tínhamos que aprovar uma porcentagem dos alunos. Se a professora conseguisse aprovar aquela porcentagem, era efetivada na prefeitura. Se não conseguisse esse índice, não era. Quando eu comecei tinha que ser 70% de aprovação. O professor Luiz relembra: “Eram muitos alunos e o professor tinha que se empenhar muito para atender a todos com qualidade”. Apontaram que como as turmas eram multisseriadas, havia a necessidade de dar maior atenção aos alunos da 1º série porque os outros caminhavam mais sozinhos. A professora Sônia destaca os desafios enfrentados naquele momento: “Comecei em 1972, na época do Dr. Archimedes Mozer, então prefeito da cidade. Entrei na escola São Domingos, fiquei lá 7 anos. Não tinha água, era preciso fazer a merenda. Os pais que plantavam verdura e levavam para a escola para enriquecer a merenda. Aprendi muito com meus alunos. Eu tinha 18 anos. A gente tinha que ensinar os alunos pegando na mão. Na escola eu criei a

Associação de Pais e Mestres, porque não tinha. Fazia reunião com eles a cada 2 meses. Era uma educação de berço que hoje não se tem mais. Me chamavam de “dona” mesmo eu sendo uma criança! Os alunos já eram educados em casa e iam na escola para podermos ensinar um pouco do que a gente sabia. Eu tenho muito orgulho”. Quanto à verificação e comprovação da aprendizagem, o DEC ia aplicar a prova. A comprovação deste rendimento trazia ao professor novas oportunidades. Quem tinha 100% de aprovação dos alunos, tinha como recompensa vir para trabalhar nas escolas da cidade. “As aulas eram de segunda a sábado. No domingo algumas escolas se organizavam com a criançada após o almoço para ir lavar a escola. Tudo era o professor que fazia”. Quanto à comprovação de jornada de trabalho, os professores assinavam o ponto e ao final do mês cada professor levava na prefeitura. Porém o trabalho ia além do horário escolar muitas vezes: “A gente tinha que prestar conta do aproveitamento escolar do aluno. Ele tinha que aprender. Então a professora não tinha horário. Se tivesse que passar do tempo, ela passava”. Como não havia coordenadoras nas escolas, os diários de aula eram verificados pela Secretaria de Educação durante as visitas. “Tínhamos um programa para seguir, mas não tinha muita orientação. Fazíamos o que achávamos que era certo”.

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES:** Conforme os relatos, ainda nos anos 70, os professores iniciavam seus trabalhos na zona rural de forma leiga, atendendo às demandas do local, seja porque eram conhecidos dos professores ou mesmo por terem sido ex-alunos. O professor Azor, aponta que ingressou no magistério atendendo a estas necessidades: “Lecionei muito pouco aqui no Município. Foram 4 anos. Quando mudamos aqui para Cambé, Iraci, minha esposa ia ser professora. Como o município tinha poucos professores, a zona rural era muito carente, então a diretora me chamou para lecionar lá onde minha esposa ia iniciar. Eu entrei no quadro de professores, mas eu não era professor. Eu tinha apenas o terceiro ano. Fiquei lá por 4 anos. Lembro das dificuldades que nós tínhamos, mas prefiro falar das boas coisas. Só com o “ginásio” já conseguiam ingressar. Depois que já estavam na ativa, eram oferecidas à rede cursos como o “Logos” e a “Escola Normal”, que consistiam em formação para os professores. A Escola Normal era o que hoje consideraríamos como o curso de Formação de Docentes, ou Magistério, classificado como o ensino médio, ou segundo grau da época. Era um curso profissionalizante que habilitava ministrar aulas para a Educação Infantil e Séries iniciais do Ensino Fundamental. Já o Logos consistia num projeto de formação para professores leigos. Era uma formação composta por módulos, em que os professores estudavam em casa e no final da semana faziam as avaliações sobre o módulo estudado. Era um curso de formação que tinha

como finalidade regularizar a situação dos professores leigos, que não haviam nem mesmo terminado o primeiro grau. Algumas professoras iniciaram antes dos 18 anos”.

**ASPECTOS FÍSICOS DA ESCOLA:** O professor Luiz se lembra com carinho de sua escola: “A minha escola era de madeira, muito aconchegante. Havia luz elétrica, banheiro”. Os professores muitas vezes eram os responsáveis por mobilizar a comunidade para buscarem soluções e fazer melhorias nas condições da escola, conforme lembra a professora Eulália: “No Saltinho, junto com os pais, colocamos luz elétrica e água encanada”. Em alguns casos havia ainda alguma precariedade, como madeiras muito escuras, sem forro e mato chegando perto das dependências da escola, água retirada de poço em que os próprios professores iam buscar com um balde, como por exemplo a escola que ficava localizada na Granja Nixdorf.

**A GEADA DE 1975:** Este acontecimento marcou a história da agricultura, economia e educação na região. Escolas sofreram o encerramento das atividades, pois com a saída dos trabalhadores do campo, o número de alunos diminuiu consideravelmente e os alunos que restaram foram realocados para outras escolas. Assim, muitos professores que moravam próximos às escolas mudaram-se para a cidade.

#### **Imagens da década de 70:**



Prefeito Waldemar Garcia e pessoas da comunidade em frente a uma das escolas rurais, na década de 70.



Prefeito Roberto Conceição e sua Secretária de Educação Arailde, em uma das escolas rurais na década de 70.



Entrega oficial da Escola Fazenda Santa Adelina recuperada, na década de 70.



Escola Fazenda Santa Adelina recuperada, na década de 70.



Escola Hugo Simas e suas dependências, antes de ser recuperada.



Escola Hugo Simas cozinha



Escola Hugo Simas, sala de aula



Escola Hugo Simas, banheiro.



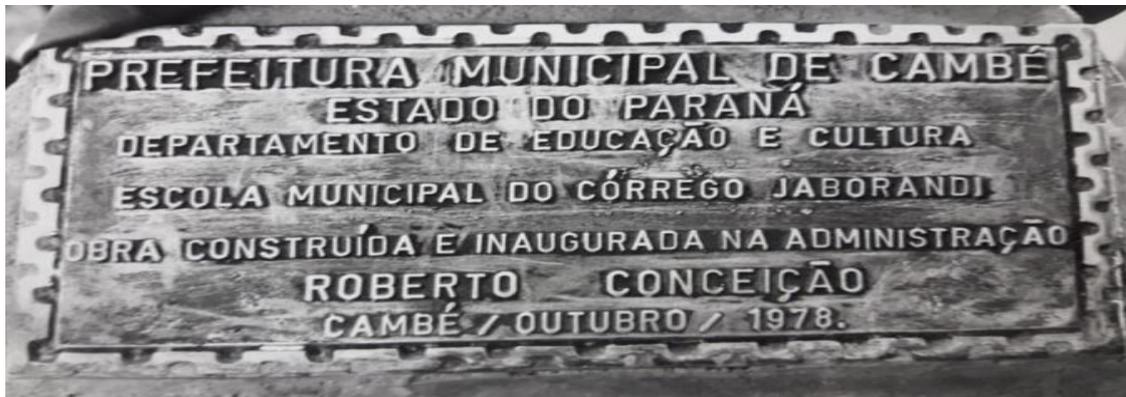
Escola Hugo Simas após reforma. Final da década de 70 início da década de 80. Ao lado da escola moravam a família Garcia. As filhas do senhor Garcia - Helena e Vera - eram as merendeiras da escola.



Escola Antonio Carvalho Chaves (Cateto)



Escola Córrego do Jaborandi em inauguração



Placa da Escola Córrego do Jaborandi em inauguração



Escola Córrego do Jaborandi em inauguração



Cozinha da Escola Fazenda Santa Cecília.



Sala de aula da escola Antonio Carvalho Chaves



Desfile Municipal.



Evento da Prefeitura nas escolas rurais, década de 70.



Escola do Caramuru. Professoras Terezinha, Áurea e alunos, década de 70.

## Anos 80 e 90

Este grupo de professores iniciaram suas carreiras na zona rural, porém após um tempo de exercício de sua função no campo, a grande maioria migrou para a cidade, já que a demanda da zona urbana era maior. A década de 80 vivencia a abertura da economia cambense para a indústria num movimento que se intensificou depois de 1975. A partir deste período a cultura branca que já estava sendo utilizada na agricultura passou a ganhar mais força. A população do campo passou a fazer parte dos bairros na zona urbana e as escolas municipais urbanas passaram a ser construídas para abrigar os filhos destas famílias advindas do êxodo rural.

As informações coletadas são fruto de entrevistas realizadas com professores entre os anos de 2018 e 2019.

**O CAMINHO PARA A ESCOLA:** Dificuldades marcavam o dia a dia destes profissionais. Mesmo sendo de uma geração mais nova de professores, a professora Malta lembrou que na década de 80 ainda haviam muitos obstáculos para a realização do trabalho nas escolas do campo: “Para ir, a gente descia até o carreador perto da estrada e às vezes a *Rural*

não passava e daí a gente descia a pé. Às vezes estava tempo bom íamos com a rural, mas chovia no meio do dia! Então para subir a estrada que não era asfalto a gente tinha que empurrar”. Alguns professores que moravam próximos à escola que lecionavam iam a pé. A professora Mariza Tiepo disse que enfrentava 3 Km e meio de caminho, passava por pastos, por vacas e muitas cercas. Alguns professores que outrora lecionavam em escolas próximas de onde moravam, com o processo de nuclearização passaram a acompanhar seus alunos em outras escolas, neste caso iam de Kombi. Uma das professoras lembrou que os motoristas levavam os professores e ficavam na escola aguardando o final da aula para trazê-los de volta. Muitas vezes acontecia de chover, e o transporte virava um problema: “Quando levantava tempo de chuva a gente falava assim: Seu Zé, tem corrente? Se ele falava que não, tínhamos que subir atrás da Kombi, segurar no beiral pra fazer peso para a Kombi poder subir”. Nomes de outros motoristas foram lembrados, como o do senhor Ernesto Radigonda, depois com a Kombi do senhor Paulo e micro-ônibus com o senhor José Carlos. O transporte não era apenas para os professores, os alunos também iam com o mesmo transporte. O dia começava bem cedo para estes professores, pois para chegarem até a escola no horário, eles precisavam sair com muita antecedência de casa. A professora Neocleide lembra das dificuldades: “Às 6h30 seu Antônio passava na BR para me pegar, íamos de Kombi. O transporte entrava em cada carreador para deixar as professoras nas escolas, começando pelo Mantovani e depois as demais escolas. Eu era a última a chegar e a primeira a sair”. Outras professoras, como Regina, iam de Brasília, de charrete, bicicleta ou a pé. Às vezes o professor ia a pé, mas a escola não ficava tão próxima assim de sua casa, como contou a professora Neide: “Para chegar até a escola Fernão Dias tinha que passar pelos cafezais. Ia a pé para a escola pois morava no sítio. A escola ficava a 5 Km da minha casa”.

**FAMÍLIA E AUXÍLIO NAS ATIVIDADES ESCOLARES:** A professora Carmem Nadur lembrou que mesmo já nos anos 80 havia escolas que atendiam 4 séries juntas: “Eu lecionei dos 18 aos 50 anos na zona rural. Quando iniciei atendia as quatro turmas juntas (1ª a 4ª séries). Dividia o quadro em 4 partes. Os alunos, além de nos ajudarem nos afazeres da escola (limpeza) também muitas vezes traziam legumes de casa para complementar a merenda”. O grupo lembra as dificuldades da comunidade rural. “A pobreza era muito grande. Haviam mães que iam para a escola para se alimentar. Tinha mãe que levava o latão de merenda para casa dela para poder pegar o que sobrava”. A consideração que os pais tinham à escola era muito grande, pois estes tinham bastante interesse na educação dos filhos. A professora Lindomara também lembrou a precariedade de vida das pessoas da redondeza: “Eu dei aula no Castro Alves, perto do Couro do Boi. Lá era uma escola bem pobre, tinha bastante criança

muito carente, só que os pais ajudavam, eram bem participativos. Eles eram analfabetos, mas queriam que os filhos aprendessem. A gente percebia isso até pelas tarefas que vinham feitas de casa. Os pais não sabiam fazer, vinham na escola e falavam para mim. Diziam: Ele não entendeu e eu também não sei ajudar, mas professora, explica pra ele novamente porque daí ele vai entender e vai fazer”. A professora Dalva Mantovani comentou sobre a formação das turmas, abertas de acordo com a necessidade dos pais: “As turmas eram formadas de acordo com a necessidade dos pais que moravam longe, tinham mais de um filho na escola e precisavam trazê-los, então a escola procurava facilitar na medida do possível a vida deles. Os alunos chegavam mais cedo para brincar. Quatro dias por semana estudavam Português e Matemática, e um dia para outras matérias. Toda sexta-feira, depois do recreio tirava um tempo no final da aula e dava algo diferente, um desenho, pintura e brincadeiras no campo que havia perto da escola”. A professora Jussara, que lecionava na escola do Cafezal, relembra a pobreza pela qual passava a comunidade em volta da escola: “Eu tinha que tirar água do poço para as crianças. Eu quem fazia a merenda para eles. Na minha escola eu dava aula para o 1º e o 4º ano. No fundo da minha sala tinha um fogão e uma prateleira. Então eu dava aula e ia fazendo a merenda. Aí um dia meu marido falou que a merenda estava ficando muito cara, porque eu complementava com coisas do sítio, verdura, temperos... A merenda era industrializada. Vinha sopa, leite em pó... era bem simples. Eu levava cenoura, carne, porque a gente matava muito frango e boi no sítio, então eu levava da minha casa. Tinha que tirar água do poço para fazer merenda e para as crianças beberem! Eu recebia muita ajuda da SEMED, não tinha noção de dar aula. Aí a Izildinha foi na minha sala e ensinou. Ninguém sabia dar aula, ninguém era formado. Daí a gente tinha um acolhimento. Eles ensinavam a gente a dar aula”. Sílvia começou na zona rural na Escola da Fazenda Dalto e está encerrando sua carreira ainda no campo, na Escola Rural D. Pedro II, uma das duas escolas rurais municipais que restaram. “Durante um tempo, ficamos sem merendeira, então eu ia mais cedo para a escola, fazia a merenda. Na hora os alunos se serviam e cada um era responsável em lavar seu prato e talheres. A panela ficava por conta da professora. No término da aula os alunos faziam a limpeza da sala, cada dia tinha uma equipe pré escalada”. A professora Edna lembrou qual importância a escola representava a todas aquelas humildes famílias da região. “Os alunos tinham boa educação, respeitavam os professores e os colegas e viam na escola uma esperança para ser alguém na vida, de ter uma profissão, um trabalho na cidade que não fosse tão difícil ao que realizavam na zona rural. Quando tínhamos algum problema com os alunos, evitávamos chamar os pais pois tínhamos dó da maneira como eles iam corrigir os filhos”.

**CARACTERÍSTICAS FÍSICAS:** Os professores contaram sobre as características físicas de suas escolas na década de 80. Iniciando pela escola do Cafezal, onde haviam 2 salas de aula, não havia energia, nem água encanada. Não havia banheiro, era privada. A estrutura não era boa porque tinha buraco, os passarinhos entravam. Quando aconteceu o processo de nuclearização os alunos da escola foram para o Caramuru e a professora foi para o Bratislava. A professora Jussara nos contou como sentiu diferença em ir para outra escola: “Quando cheguei na escola achei um luxo! Tinha água encanada, banheiro”. A Humberto de Campos possuía boa estrutura comparada à muitas das escolas, era de alvenaria, tinha água encanada, 2 banheiros, cozinha separada, segundo os professores era mais confortável. Na escola da Jurema, a estrutura da escola era de alvenaria, com sala ampla, banheiros e uma cantina. A escola da Fazenda Aurora possuía privada e a água encanada veio com o tempo. A água era retirada de poço, mas na gestão da Secretária de Educação Arailde a infraestrutura foi melhorando. A escola da Fazenda Santa Cândida era de madeira. Ficava 12 Km descendo a estrada da prata. Era de madeira, tinha água encanada, mas não tinha energia. Era privada. Era só uma sala, uma cozinha bem pequena e uma varanda. No Mantovani a sala era ampla, tinha 2 banheiros, água encanada, mas às vezes entupia tudo e a escola ficava sem água. Tinha uma cozinha. Não havia energia elétrica. Na escola Castro Alves: era uma escola bem precária. Ratos eram vistos nas dependências da escola e a professora tinha que deixar os sacos de merenda pendurados. Na Escola Fernão Dias, a professora Edna Bertossi, lembrou momentos de dificuldades pelas quais passavam, tanto quanto aos móveis quanto também à manutenção do lugar. “Quanto à parte física, eram bem precárias as carteiras, as lousas e os armários ainda eram do tempo que eu estudava. Só foram sendo substituídos com o tempo. Na época da estiagem, era necessário tirar o pó das carteiras para se sentar e em época chuvosa, tirar o calçado cheio de barro para entrar na sala”. Na escola da Fazenda Dalto, a professora Sílvia lembra o momento de fechamento da escola: “A nossa escola também não possuía eletricidade, materiais didáticos eram comprados com dinheiro da APMF, livros de literatura também eram adquiridos com dinheiro da APMF. O último ano de funcionamento da escola foi em 1993, onde eu e a professora Cirlene Depieri fomos encaminhadas para a escola do Km 9 juntamente com os alunos. Os alunos então iam até a escola a pé e lá os esperava um transporte da prefeitura que os levava até o Km 9”. A continuação do processo de nuclearização (fechamento das escolas rurais e a migração dos alunos e professores para escolas maiores ou em melhores condições) fez com que muitos professores e alunos mudassem de local de estudo. Como foi o caso da professora Edna, que antes de vir trabalhar na cidade, atuou em diversas escolas no campo: Escola Fernão Dias, Saltinho, Emílio de Menezes e Ana Zichack Mazzei. “Trabalhei 16 anos

na zona rural, metade da minha carreira. As turmas eram multisseriadas, comecei no primeiro ano em uma sala de terceira e quarta série e no ano seguinte por conta da redução do número de alunos, fui para outra escola, com 4 turmas juntas (primeira à quarta série)”.

**DESAFIOS DOS PROFESSORES ALFABETIZADORES:** Os alunos iniciavam a vida escolar sem terem tido qualquer vivência com a escola antes disso. Este era um desafio para os professores da primeira série e que foi pontuado por um dos professores da década de 80. A professora Edna Bertosse comenta um pouco sobre isso: “A professora que assumia a primeira série tinha um importante desafio pela frente: iniciar os alunos na realidade da escola!” Conforme aponta a professora, as crianças adentravam a escola sem quaisquer noções de letras, números, quantidades ou outros conteúdos do mundo escolar. “Quanto a parte pedagógica, os alunos não tinham uma preparação para entrar na primeira série, a maioria chegava sem conhecer os materiais escolares, não sabiam segurar no lápis. Já se começava a ensinar a letra cursiva de uma forma bem tradicional. Eles tinham apostilas que chamávamos de período preparatório, com linhas pontilhadas, mas era necessário sentar sempre junto com as crianças e pegar na mão para que pudesse realizar as atividades”.

**MOMENTO DE FORMAÇÃO CONTINUADA:** Eram realizadas no salão paroquial. Segundo os professores havia muita troca de experiência. As professoras mais velhas davam muitas dicas a quem estava começando. Abaixo consta uma reportagem do jornal municipal sobre um destes momentos de formação.

## Professoras municipais fazem avaliação do 1º semestre



Encontro no Salão Paroquial para elaboração de material didático

Com a participação da diretora do Departamento de Educação e Cultura, Arailde Conceição, diretoras e professoras, foram realizadas de 2 a 8 de julho, reuniões em todas as escolas urbanas da Rede Municipal de Ensino, para avaliar as atividades do primeiro semestre letivo.

Nessas reuniões a diretora da DEC ouviu ainda as reivindicações de todas as professoras e diretoras e as dificuldades encontradas neste período. Segundo Arailde as reuniões deixaram evidenciado a importância das eleições diretas para a escolha de diretoras realizadas no início da atual administração. "As professoras agora trabalham com mais es-

pontaneidade e dedicação, formando em cada escola uma comunidade unida e disposta a trabalhar em prol da criança cambesense".

### ELABORAÇÃO DE MATERIAL

No último dia 11 de julho, foi realizado um encontro no Salão Paroquial, entre orientadoras e professoras da zona rural, com a finalidade de elaborar o material didático para ser usado durante o segundo semestre. Segundo os organizadores do encontro "Com esse material o ensino torna-se mais prático e objetivo, pois o aluno poderá trabalhar de acordo com a realidade daquilo que está estudando".

Jornal Nossa Cidade, 1983

**FATOS MARCANTES:** Os professores destacaram fatos que marcaram os momentos da década de 80 nas escolas. Um deles foi a nova LDB (Lei de Diretrizes e Base), que mudou muitas coisas no ensino. Outra questão foi o êxodo rural por causa das geadas, que desde a década de 70 veio transformando a realidade do campo e causando o fechamento de muitas escolas rurais e por consequência a nuclearização das escolas rurais. O início da utilização dos livros didáticos. A professora Jussara lembrou uma passagem importante que aconteceu em sua escola: "A minha escola rural Cafezal nunca desfilava nos desfiles municipais. Isso era uma coisa que me revoltava. Aí um dia eu fui no DEC (Departamento de Educação e Cultura) e disse que as minhas crianças iam desfilar. Que ninguém precisava ir buscar, eu os levaria para a cidade. Tinha uma sorveteria que deu camiseta para os meus alunos. Como o nome da escola era Cafezal, eu fui lá no Moresqui, peguei um pé de café, plantei numa lata e coloquei em cima da caminhonete. Depois paramos na minha sogra e os alunos tomaram suquinho e lanchinho". Chegar na escola era um desafio para alguns professores e ainda perdura nas lembranças de alguns, como aponta a professora Neocleide: "Quando me casei comecei a

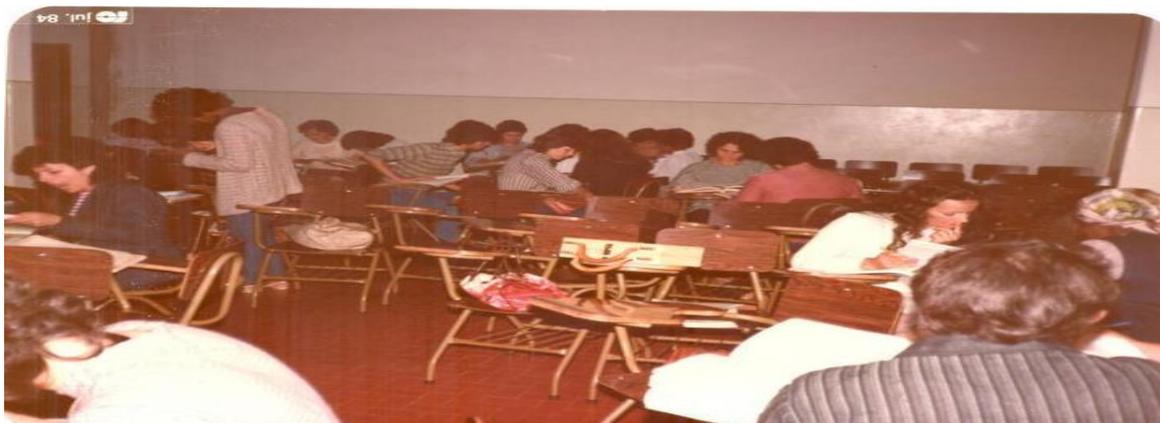
ir de fusquinha dar aulas. Meu fusca não parava na pista de rodagem, caía nas valetas e os pais dos alunos empurravam e tiravam o carro dos buracos”. Os professores também apontaram que a década de 80 foi o momento em que voltaram a estudar, com o projeto APRONTE, onde fizeram o Magistério, pois eram professores leigos. Começaram a seriação nas salas de aula, o que foi facilitado com o processo de nuclearização.

**NÚMERO DE ALUNOS POR TURMA:** Composição das Turmas: Na década de 80 segundo os relatos as turmas eram compostas em menor quantidade se compararmos aos números de alunos apontados nas décadas anteriores. As turmas eram compostas até 30 alunos. As turmas eram ainda multisseriadas.

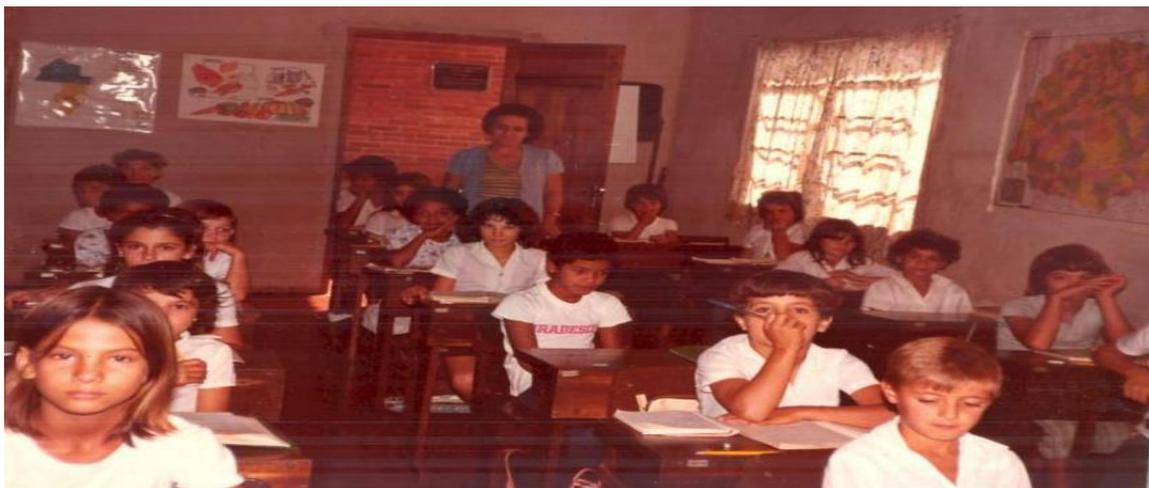
### FOTOS DA DÉCADA DE 80:



Clube de mães, escola Mantovani. 1985.



Encontro pedagógico dos professores das escolas rurais. Julho de 1984



Escola Municipal Rural Humberto de Campos, Professora Antonia Tieppo, década de 80.



Escola Municipal Luzia Delgado Torres, década de 80.



Alunos na escola rural Prof. João Panaszewicz, 1984



Alunos e professores em uma das hortas das escolas rurais. Década de 80.



Escola Ermelino de Leão, década de 80. Professora Alzira.



Escola Municipal D. Pedro II, década de 80. Professora Malta



Granja Nixsdorf, década de 80. Antonia Tieppo.



Escola Clotário Portugal. Década de 80, professora Dalva.

## **MOTORISTAS: PROFISSIONAIS ESSENCIAIS PARA A MANUTENÇÃO E FUNCIONAMENTO DAS ESCOLAS DO CAMPO**



Figura Senhor Carmanhani, chefe dos motoristas, com seu filho. Ao lado, o senhor Orlando Finni, motorista da zona rural, na foto, parados sobre a ponte do Ribeirão Vermeho.

Outros profissionais foram muito importantes para a manutenção e funcionamento das escolas foram os motoristas, que levavam professores, mantimentos e materiais para as escolas rurais. Muitos foram os nomes lembrados pelos professores entrevistados! Minoru, Odair, Antônio Segura, Antônio Mantovani, Antônio Cruz, José Segura, Ozório Magri, João Alexandrino, Nelson, Roberto Galvani, Acácio, Luiz Scramin, Luiz Guizzilin Valentim Andrade, Manoel Soeiro. Segundo relatos, os motoristas eram inicialmente contratados pela prefeitura. Posteriormente este serviço foi oferecido por uma empresa terceirizada. O senhor Orlando Finni conta que iniciou seu trabalho como motorista contratado da Prefeitura em 1968, na gestão do senhor Archimedes Mozzer. Iniciou seu trabalho com a função de motorista e atendia às escolas rurais da estrada da região da Prata: “Eu fazia esta linha durante o dia e durante a noite, levando as professoras. À noite se não me falha a memória funcionava o MOBREAL. Minha linha compreendia as Fazendas Ipoméia, Prata, Bicatu, Santa Lina, Jurema, D. Pedro II. Durante o dia, eu levava as professoras até as escolas e voltava para a prefeitura ficando à disposição. Quando dava o horário eu retornava para buscar o pessoal e trazer para casa. À noite eu levava e ficava esperando a aula terminar. A estrada era de terra, enfrentávamos muito barro. Não tinha asfalto. Em dias de chuva tínhamos que acorrentar os pneus para que pudessemos pegar a estrada, caso contrário o veículo não saía do lugar. Depois com o tempo as estradas foram sendo asfaltadas, então até onde tinha asfalto ia bem, mas nas partes de terra tínhamos que acorrentar ainda”. Ele contou que alguns dias não era possível chegar ao destino, pois a situação da estrada em dias de muita chuva impossibilitava a passagem. “Tinha dia que a gente nem saía daqui porque sabia que não ia dar para passar, e também os alunos nem iam em dias assim. Chegaram a acontecer situações em que eu levava as professoras e durante o período chover tanto que eu tinha que esperar o tempo melhorar para buscá-las. Houveram dias em que não conseguia chegar na escola, então elas tinham que dormir por lá mesmo. O veículo que eu utilizava era a *Rural* e posteriormente a prefeitura adquiriu uma Kombi”. O senhor Antônio da Cruz ainda exerce a função de motorista e relembrou um pouco sobre a realidade vivida por ele e o público que atendia dos anos de 1994 até 2000: “Eu levava as professoras de manhã e trazia por volta do meio dia. Quando chovia ficava na estrada até vir ajuda. Às vezes deixava as professoras no carro e ia atrás de socorro”. Antônio atendia na época as escolas localizadas nas fazendas Marana, Zamberlam, Mantovani, Hugo Simas, Saltinho, Caramuru, Km 9, que eram as mais antigas. “Pelo caminho, passava pela Santa Lina, Piratininga e Isaura Ferreira Neves”. Ainda na ativa, o senhor Antônio agora transporta alunos da zona rural próximas ao Km9 para que estudem em uma das Sim as escolas rurais do município, a Escola Rural Municipal D. Pedro II.



Muitas histórias ficaram na memória destes profissionais que enfrentaram os perigos da estrada. Trabalhando com transporte de 1986 e até 2015 transportando estudantes tanto no período noturno quanto diurno, passando por escolas localizadas no Km 9, Prata, Painerinha e fazenda Santa Lina, o senhor Nelson Claro relembrou um fato emocionante quando fazia este trabalho: “Veio um caminhão desgovernado pra cima da Van. Eu estava subindo devagar e joguei a Van de lado e ela tombou. Todos entraram em desespero e alguns tiveram ferimentos leves. Um aluno ficou preso no chão debaixo da van. Eu precisei, com uma força tremenda empurrar a Van para tirar o aluno”. Um dos maiores problemas que enfrentou no dia a dia de seu trabalho era o desafio de acorrentar a Kombi quando chovia. “Quantas vezes a noite tinha que, debaixo de chuva, sair para acorrentar a Kombi, pois era só terra”.

#### **DEPOIMENTO DOS ALUNOS QUE FREQUENTARAM A ESCOLA RURAL**

Quais lembranças guardam os alunos que frequentaram os bancos das escolas rurais? Tivemos contato com alguns ex-alunos destas escolas que aceitaram nos dar informações sobre esta época demonstrar o que este período representou para suas vidas.



**Andréa Astésia:** “Estudei na escola Fazenda Cafezal durante três anos, cursando o segundo, terceiro e quarto ano. Nesta escola não passei pelo processo de nuclearização, ela foi fechada após um ano que saí. Falando da estrutura física da escola, era de alvenaria, com chão de assoalho. A sala era composta por quatro turmas divididas por carteiras na sala. A professora era Marilda Cocato, que era única na escola. Com relação à rotina escolar, dividíamos as tarefas. A merenda era feita por uma senhora chamada Neide Carducci e eram alimentos muito gostosos e variados. Saí de lá para ir estudar no colégio Olavo Bilac, onde concluí meus estudos. Tenho lembranças muito boas daquela época e da tia Marilda, como carinhosamente a chamávamos. Lembro das brincadeiras, da merenda quando a Neide fritava massa de pão que a gente chamava de coscorão. Foram muitas lembranças boas!”



**Ademir Aparecido Batistela:** “Estudei de 1966 a 1968, no Grupo Escolar Emiliano Pernetta que ficava na Fazenda Santa Maria. Minha professora foi Benedita de Oliveira Moraes. A escola tinha só uma sala. Ali funcionavam os 4 anos primários. Deveria ser uns 12x12 de medidas, era um caixote quadrado, não tinha forro, era alto. Uma escada de madeira, duas portas, 4 quadros negros e 4 fileiras de carteira dupla. Cada fileira ficava um ano de escolaridade. Duas professoras. Uma atendia primeiro e segundo e outra terceiro e quarto. Lá fora tinha a “casinha”, em volta disso tudo tinha uma cerca de arame farpado para que os animais não acessassem. Era no meio de um pasto. Não tinha nenhuma árvore em volta. Tive outra professora, mas não me lembro o nome, só lembro que era loira. Me lembro muito pouco da rotina escolar, era a tarde. O recreio era no meio do período. Nossa merenda era só leite, o sólido nós levávamos de casa. O leite era preparado numa casa da fazenda próxima da escola e antes do recreio a professora escolhia 2 alunos para irem até a casa e buscarem o caldeirão de leite. A mulher da casa preparava o caldeirão. A gente trazia o caldeirão e ficávamos embaixo do assoalho que era onde tinha sombra, daí comíamos. Não tenho lembrança dos colegas de turma. Como eu morava longe da escola ia a pé com as professoras. Os demais alunos moravam próximos a escola. Terminamos o quarto ano naquela igreja de material que tem até hoje no bairro, não lembro por qual motivo. A igreja fica em frente ao posto Portelão no jardim Ana Rosa, de costa pra rodovia. Quando terminei o quarto ano fui pra cidade fazer o ginásio. Depois do falecimento de meu pai nos mudamos para a cidade. Depois do ginásio fiz curso técnico em contabilidade. As professoras vinham de ônibus e desciam próximo onde é a Fugivara, próximo à Coca Cola, vinham até nossa chácara que era o Parque Maracanã. Lá eu estava aguardando. Elas mudavam de roupa, de calçado pra descer a pé. Colocavam alguma coisa mais rústica. Descíamos a pé, cortando pelo meio do café, onde foi feita depois a Br 445, o trator já terraplanando pra fazer aquele asfalto na época. Aí chegávamos na fazenda Santa Maria. A escola foi demolida e virou plantação de soja.



**Tatiana da Fonseca Bernardi:** “Estudei nas escolas da Jurema e da Prata nos anos de 1988 a 1991, no período do ensino fundamental (antigo primário) primeira e segunda séries na escola da Jurema e a terceira e quarta série na escola da Prata, pois houve o processo de nuclearização e os alunos da escola da Jurema foram transferidos na escola da Prata. Sobre a estrutura da escola, lembro-me que tanto uma como a outra eram pequenas e com poucas salas de aula.

A rotina escolar era simples e tranquila, ficávamos a maior parte do tempo em sala, pois naquela época não tínhamos professores especialistas de arte e educação física como hoje. As crianças eram bastante alegres e divertidas, pensávamos somente em brincar. Tenho boas lembranças das professoras, inclusive na Jurema, na primeira e na segunda séries foi minha mãe (professora Clarice Bernardi). Fui alfabetizada pela cartilha “Caminho Suave”. Na escola da Prata as professoras foram Alzira e Izaura Castanho. Terminando a quarta série ainda permanecia na zona rural estudando no Km 9 na escola estadual João de Santa. Lá permaneci por mais quatro anos. A minha maior lembrança naquela época era a nossa alegria na hora do recreio. Foram tempos difíceis pois era ruim chegar à escola. Tinha o transporte escolar, mas tudo dependia de como estava o tempo, pois quando chovia era horrível de chegar até a escola. Observando os dias atuais vejo o quanto éramos felizes. Tudo era simples demais e não havia recursos, mas com o pouco que havia os professores davam seu melhor.



**Antonio Castanho:** “Estudei na Escola Rural Ermelino de Leão, no Distrito da Prata, de 1960 até 1964. A escola era de madeira, possuía 2 salas, um banheiro masculino e um feminino. Em uma sala de aula estudava a primeira série e a segunda. Na outra sala ficavam os alunos da terceira e quarta série. As carteiras eram feitas de um modelo em que cabiam 2 alunos. Quanto à convivência, os amigos da escola eram também amigos de vizinhança, pois todos moravam perto uns dos outros. Na escola trabalhavam duas professoras em cada período.

Me lembro que lá trabalharam Alexandrina Bernardi, Sebastião Feltrim, Maria de Almeida Dionísio, Marlene Feltrim, Elza, Tomiko (Regina) Kai, Noemia. O funcionamento da escola era de segunda a sexta-feira. Entrávamos às 8 e saíamos às 11h30. O recreio era as 10 horas e tinha meia hora de duração. Brincávamos de bolinha de gude e jogávamos betes. Estudávamos

todas as matérias com o mesmo professor. Aos sábados tinha aula, mas fazíamos somente desenho. Quem lecionava era os mesmos professores também. Quase todos os alunos iam para a escola descalços, não tínhamos sapatos. O uniforme era guarda pó branco com gravata azul. Conforme a série que estudava tinha uma lista branca na gravata: primeiro ano tinha uma, segundo ano duas, assim por diante. Cantávamos o Hino Nacional e o Hino à Bandeira todos os sábados. Rezávamos todos os dias, na hora da entrada e na hora da saída. Na hora do lanche agradecíamos pelo alimento que íamos comer e depois agradecíamos pelo alimento que havíamos comido. Cada aluno levava seu lanche e a escola dava leite. Naquela época os alunos respeitavam muito a professora e a mesma tinha muita autoridade em sala. Foi uma época muito boa de se estudar. O estudo exigia muito do aluno. Muita coisa que aprendi naquela época sei até hoje”.

### **ALGUNS REGISTROS DOS NOSSOS ENCONTROS**

As pesquisas e entrevistas sobre a história das escolas rurais tiveram início em 2017. Desde então, foram realizados alguns encontros com prefeitos, secretários e professores que participaram desta história. Seleccionamos abaixo algumas imagens destes encontros:

#### **1º encontro com os professores das escolas rurais: 2018**



Em pé: Carmem Nadur, Izaura Zerbinati Castanho, Sonia Tieppo, Cirlene Depieri, Dalva Mantovani, Maria Inês Alduam Panhan, Neide Tieppo, Sílvia Dalto Rosa, Sonia Ely Furlan, Jovina Matos, Malta Gonçalves, Márcia Monteiro, Marilda Cocato, Edneia Beraldo, Edna Bertosse, Marta Radigonda, Cláudia Codato Segura, Angélica

P. N. O Zerbetto. Sentados: Sueli Panhan, Clarice Bernardi, Tokii Sugayama, Lourdes Bertoletti, Iraci Aparecida Correia, Azor Correia.



Lourdes, Ednéia, Cirlene e Sílvia, analisando as fotos das escolas rurais com a assessora Angélica.



Azor, Iraci, Lourdes e Tokii.



Isaura, Clarice, Dalva e Edméia.



Acolhida dos professores que trabalharam nas escolas rurais.



Acolhida dos professores que trabalharam nas escolas rurais.



Secretária Claudia, falando com os presentes.



Professoras Jovina e Edna contando suas lembranças.



Prefeito José, do Carmo Garcia falando com os professores.



Professor Azor.



Professor Azor e sua esposa Iraci falando sobre suas lembranças para a secretária de educação Cláudia.

## 2º encontro com os professores das escolas rurais: 2019.



Secretárias de Educação presentes no evento: Ofélia Burgo, Arailde Conceição, Cleusa Foristieri, Cláudia Codato e Cláudia Paschoal.



Abertura do evento: Vereador José Luiz Dalto, Clausa Foristieri, Claudia Codato, Arailde Conceição, José do Carmo Garcia, João Dalmácio Pavinato, Paulo Soares, Angélica Zerbetto.



Abertura do evento de pesquisa sobre as escolas rurais. Professores das décadas de 50, 60, 70 e 80.



Edna, Rosa, Luzia, Neli e Jacira



Marilene, Leonilda e Katsuyo



Benedita e Lourdes.



Helena e Alice.



Regina e Marilda



Angélica fazendo a apresentação dos trabalhos.



Maria Terezinha e Neocleide.



Eulália e Lourdes



Ivone, Maria Inez, Alzira e sua filha, Luiz Batilani, Maria Nazir, Eulália e Lourdes.



Eva Vilma e sua mãe e Helena Lopes.



Antonia, Lourdes, Marilene.



Hélia, Venice, Antonia G e Antonia T.



Cláudia (Secretária de Educação)



Cláudia (Secretária de Educação), fazendo a acolhida dos professores.



Arísia, Edneia, Claudia, Maria T, Neocleide, Edna.



Lourdes, Elisa e Sonia.



Secretárias de Educação de Cambé presentes no evento: Ofélia, Arailde, Cleusa, Cláudia e Claudia.



Prefeito de Cambé, José do Carmo Garcia, em conversa com os professores das escolas rurais.



Prefeito de Cambé, José do Carmo Garcia e Iracema Góes.



Assessora pedagógica da SEMED (Edna), entrevistando os professores que iniciaram na década de 80- nas escolas rurais.



Professores que iniciaram na década de 80.



Assessora pedagógica da SEMED (Camila), entrevistando os professores que iniciaram na década de 80- nas escolas rurais.



Professores concedendo seus depoimentos.



Alzira e sua filha sendo entrevistadas pela estagiária Lavínia.



Maria Nazir, Lourdes, Marta e Ivone.



Iracema, Ejony, Odete, Antonia e Helena.



Professores que iniciaram nas décadas de 50 e 60 concedendo entrevista ao jornalista Matheus.



Assessora pedagógica da SEMED (Aline), entrevistando os professores que iniciaram nas escolas rurais na década de 70.



Professores que iniciaram nas décadas de 50 e 60.



Tokii Sugayama, concedendo entrevista aos assessores da SEMED.



Preenchimento das fichas com informações sobre a época destacada.



Maria Nazir, Marilda e Antoanete.



Professores relembando as os documentos da época.



Assessora pedagógica da SEMED (Angélica), com a professora Dila e seu neto, coletando informações sobre o álbum composto pela professora na década de 50.



Assessora Angélica, professora Dila e a secretária Caudia.



Professora Odete, apresentando um documento da época em que lecionava na zona rural.



Em pé: Lourdes Cardenes, Marta Radigonda, Marilene Trombelli, Edna Dezoti, Maria Terezinha Soeiro, Luzia Mesquita, Helia Fadel, Jacira Sela, Ernestina Guideti, Neli Guandalini, Ejoni Guandalini, Helena Lopes, Antoanete Ricieri, Ivone Segura, Odete moçato, Rosa Viani, Marilene Freitas, Lindomara teodoro, Edna Bertossi, Dalva Mantovani, Antonia Tieppo, Sonia Tieppo, Mariza Tieppo, Neide Tieppo, Jussara Foristieri, Carmen Nadur, Neocleide Mileni, Geni Maldonado, Regina Agnes, Márcia Monteiro, Edneia Beraldo, Marilda Bocatti, Maria Nazir, Marilda Cocato, Cláudia Paschoal, Lourdes Nadur, Arísia Mendes, Filha da dona Alzira do Amaral, Clarice Bernardi. Sentadas: Eulália Milani, Ofélia Burgo, Alice Saloio, Antonia Gimenez, Iracema Góes, Lenir Fávoro, Helena Marquezi, Katsuyo, Leonilda Mazzei, Hermenegilda Souza Leite, Benedita Moraes, Sonia Ely Furlan, Venice Lopes, Elisa Rute, Alzira do Amaral, Toqui Sugayama, Lourdes Bertoletti, Dila Esther Oliveira, Angélica Zerbetto (assessora pedagógica) e Claudia Codato Segura.

## **HISTÓRIAS DE LUTA E CORAGEM!**

**“Quem elegeu a busca, não pode recusar a travessia” (Guimarães Rosa)**

Nossos sinceros agradecimentos ao grupo de professores que lecionaram nas escolas rurais de Cambé. Durante todo o período de pesquisa, ouvimos belas histórias de perseverança e exemplo de compromisso e trabalho destes jovens professores que fizeram pela educação muito mais do que o ensinar!

Em todos estes anos de luta, muitos foram os tropeços pelos quais passaram estes professores na “travessia” de sua profissão. Dando aulas à luz de lampião, tendo que ser ao mesmo tempo a professor, a zelador, fazer a merenda... quanto zelo, quanta bravura acompanharam a trajetória destas vidas que se doaram pela educação. Vocês foram essenciais na história de seus alunos e para o desenvolvimento da educação em nosso Município!

## O PROJETO NA MÍDIA!

### - SITE DA PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMBÉ (2018)

**Prefeitura de Cambé**

Boleto IPTU Serviços Online NFS-e D.E.S. Concursos Públicos

Acomp. de protocolo e consulta prévia de alvará ISS - Legislação e Requerimentos Orientações para emissão de documentos

Página Inicial Serviços Prestação de Contas Área do Servidor Login Fale com o Prefeito Transparência Biblioteca online

Página Inicial - Notícias - Educação reúne professores de antigas escolas rurais municipais

#### Educação reúne professores de antigas escolas rurais municipais

Seg, 05 de Novembro de 2018 11:42

Como parte do projeto "Relembrando as antigas escolas rurais a história da educação no Município de Cambé" a Secretaria de Educação reuniu cerca de 20 professoras e ex-professoras que lecionaram em escolas rurais municipais desde a década de 40. O encontro proporcionou um momento de recordações e depoimentos sobre a experiência de trabalhar nas primeiras escolas da cidade. A reunião aconteceu no Shopping Itália, no dia 26 de outubro (sexta-feira). Cláudia Codato, secretária de Educação e Angélica Zerbetto, assessora de História, elaboraram apresentações de slides com fotos das antigas escolas, que eram localizadas em fazendas, como a São Domingos, a Maria Francisca, a Piratininga, entre outras. Segundo Codato, em 71 anos, Cambé já manteve em funcionamento 11 escolas rurais. Algumas professoras contaram um pouco de suas experiências enquanto lecionaram em um desses locais. "Em 1972, quando comecei a lecionar, eu tinha 17 anos. Tinha a responsabilidade de manter a sala em ordem e conseguir educar os alunos, foi assim que me apaixonei pela profissão", conta Sônia Alves, professora aposentada.

Matéria vinculada ao Site da Prefeitura de Cambé.

### - FOLHA DE LONDRINA (2019)

ASSINE FL FOLHA DE LONDRINA

Folha / Folha Cidades

20 DE FEVEREIRO DE 2019

## Resgatando as histórias das escolas rurais de Cambé

**Cambé** - Um projeto capitaneado pela secretária de Educação de Cambé, Cláudia Codato, e pela assessora de História e de Geografia da pasta, Angélica Pires Nantes de Oliveira Zerbetto, está resgatando a história das escolas rurais do município localizado na Região Metropolitana de Londrina. O projeto começou em 2017, com a pesquisa e coleta de documentos oficiais e fotografias que tratavam da abertura, acompanhamento e fechamento das escolas que já funcionaram no município. "Nós

Reportagem vinculada ao site Folha de Londrina.

### - PORTAL CAMBÉ (2019)

**9C PORTAL CAMBÉ**  
INFORMAÇÃO DE QUALIDADE

CAMBÉ POLICIAL PARANÁ GERAL EMPREGOS REGIÃO SITES PARCEIROS

Portal > Notícias > Educação realiza novo encontro com professores das antigas escolas rurais

#### Educação realiza novo encontro com professores das antigas escolas rurais

Por SILVIO RODRIGUES - 20 de Agosto de 2019

Compartilhe





Reportagem vinculada ao site Portal Cambé.

## REFERÊNCIAS

CAMBÉ, Prefeitura Municipal. “**Memórias:** Histórico institucional da Rede Municipal de Educação de Cambé”. Secretaria Municipal de Educação, 2016.

\_\_\_\_\_. Educação reúne professores de antigas escolas rurais municipais. 05 Nov. 2018. Disponível em: <http://www.cambe.pr.gov.br/site/areanoticia/3810-educacao-reune-professores-de-antigas-escolas-rurais-municipais.html>.

CARNEIRO, Gustavo. Resgatando as histórias das escolas rurais de Cambé. **Folha de Londrina**. 20 Fev. 2019. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/resgatando-as-historias-das-escolas-rurais-de-cambe-1027145.html>.

EDUCAÇÃO realiza novo encontro com professores das antigas escolas rurais. **Portal Cambé**. 26 de Ago de 2019. Disponível em: <https://www.portalcambe.com.br/educacao-realiza-novo-encontro-com-professores-das-antigas-escolas-rurais/>.

NETO, José Garcia Gonzales. **Cambé:** confronto e composição política (1947-1968). Prefeitura Municipal de Cambé, 1987.

LEITE, Gilmara da Silva. “**O Distrito da Prata**”. Monografia apresentada ao Departamento de Especialização de História. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2000.